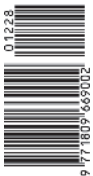
ESPECIAL ELEIÇÕES

CartaCapital

DESFECHO ANTECIPADO?

O QUE FALTA PARA UMA DECISÃO NO PRIMEIRO TURNO

MINO CARTA ESCREVE AO VELHO AMIGO LULA

Somos todos Caixa Econômica Federal, instituição fundamental para a estabilização econômica e para a manutenção do nível do emprego e da renda, vinculados à expansão da demanda agregada do país. O que nos move é o sentimento do abraço que se entrelaça com outros braços para a partilha, o cuidado e o amparo da coisa pública, juntos e misturados com o povo brasileiro.

Classificamos a Caixa Econômica como instituição financeira pública símbolo da competência e sucesso do país. Defendê-la é um ponto de honra. Falamos de um banco com projetos sociais em todo o Brasil. Não imaginamos o nosso país sem um banco com a capilaridade da Caixa, imprescindível para a justiça social. Ser patriota é defender o que é nosso.

A campanha #SOMOSTODOSCAIXA possui a força de uma semente, com raízes, troncos, ramos, folhas, flores e frutos fincados no chão da cidadania do nosso país. A Caixa representa a alternativa que o Brasil deve abraçar para

#SOMOSTODOSCAIXA

a retomada de um desenvolvimento saudável e sustentável, com oferta de crédito e investimentos públicos em habitação, saneamento e infraestrutura.

A valorização de todas as empregadas e todos os empregados do banco poderá ajudar o Brasil a reinventar-se na perspectiva de mais democracia e mais participação popular.

Nosso movimento sonha e se mobiliza para fazer um país que nos traga de volta a alegria e o orgulho de ser brasileiro. Assim é a campanha #SOMOSTODOSCAIXA, cujo saldo registra a vontade do pessoal do banco em abraçar um Brasil mais público e mais social.

CartaCapital

5 DE OUTUBRO DE 2022 • ANO XXVIII • Nº 1228

Giorgia Meloni, europeísta de extrema direita, vai governar a Itália. Pág. 44

6 A SEMANA

Especial Eleições

10 PRESIDÊNCIA Lula tem rara chance de vencer no primeiro turno, consagrado pelos pobres

15 PAULO NOGUEIRA BATISTA JR.

16 MEU CARO LULA Mino Carta escreve para o velho amigo

18 BELLUZZO As lições de Norberto Bobbio, o Estado de Bem-Estar Social e a "agenda perdida" do Brasil

20 SERGIO LIRIO Evitar a reeleição de Bolsonaro é o menor dos problemas

22 FORNAZIERI A extrema--direita cresce quando os governos são incapazes de resolver problemas básicos da sociedade

24 ESTADOS No segundo turno, os progressistas contam com Lula já eleito em seus palanques

28 PERDO SERRANO Temos o dever moral, político e histórico de preservar a democracia, construída a duras penas por muitos

30 ENTREVISTA Lula terá uma oposição ferina, prevê Manuela D'Ávila

34 GUIDO MANTEGA Uma comparação econômica entre os anos Lula e o governo Bolsonaro

38 CIÊNCIA O Brasil precisa de uma agenda de apoio à pesquisa, à tecnologia e ao desenvolvimento industrial

Economia

40 TECNOLOGIA A *tokenização* amplia a oferta de crédito às pequenas empresas

42 CAPITAL S/A

Nosso Mundo

44 ITÁLIA Mesmo com a vitória de Meloni, não há risco de retorno ao fascismo

46 IRÃ O assassinato da jovem que se recusou a cobrir os cabelos gera onda de protestos no país

48 RÚSSIA A população russa reage à convocação de reservistas por Putin

50 ESPANHA A independência da Catalunha tornou-se um desejo sufocado

53 ROBERT KUHN

Plural

54 "A MÚSICA SE SENTE NA PELE"

THIERRY FISCHER, REGENTE TITULAR DA OSESP, DIZ QUE, SE PUDESSE ESCOLHER, NÃO APRESENTARIA MAIS CONCERTOS DIGITAIS

56 PROTAGONISTA O pastor Henrique Vieira interpreta a Bíblia sob a ótica dos oprimidos

58 OBSERVER Séries ou filmes de 8 horas?

60 EXPOSIÇÃO Rastros escritos da história

64 LIVRO O horror da violência doméstica

65 AFONSINHO 66 CHARGE *Por Venes Caitano*

Capa: Pilar Velloso. Fotos: Brendan Smialowski/AFP e iStockphoto

ELIANO IMPERATO/CONTROLUCE/AFP E LAURA MANFREDINI

CENTRAL DE ATENDIMENTO FALE CONOSCO: HTTP://ATENDIMENTO.CARTACAPITAL.COM.BR

CartaCapital

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mino Carta
REDATOR-CHEFE: Sergio Lirio
EDITOR-EXECUTIVO: Rodrigo Martins
CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo
EDITORES: Ana Paula Sousa, Carlos Drummond, Mauricio Dias e William Salasar
REPÓRTER ESPECIAL: André Barrocal
REPÓRTERES: Fabíola Mendonça (Recife), Mariana Serafini e Maurício Thuswohl (Rio de Janeiro)
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Mara Lúcia da Silva
DIRETORA DE ARTE: Pilar Velloso
CHEFES DE ARTE: Mariana Ochs (Projeto Original) e Regina Assis
DESIGN DIGITAL: Murillo Ferreira Pinto Novich
FOTOGRAFIA: Renato Luiz Ferreira (Produtor Editorial)
REVISOR: Hassan Ayoub
COLABORADORES: Afonsinho, Alberto Villas, Aldo Fornazieri, Antonio Delfim Netto, Boaventura de Sousa Santos, Cássio Starling Carlos, Celso Amorim, Ciro Gomes, Claudio Bernabucci (Roma), Djamila Ribeiro, Drauzio Varella, Emmanuele Baldini, Esther Solano, Flávio Dino, Gabriel Galípolo, Guilherme Boulos, Hélio de Almeida, Jaques Wagner, José Sócrates, Leneide Duarte-Plon, Lídice da Mata, Lucas Neves, Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Manuela d'Ávila, Marcelo Freixo, Marcos Coimbra, Maria Flor, Marília Arraes, Murilo Matias, Ornilo Costa Jr., Paulo Nogueira Batista Jr., Pedro Serrano, René Ruschel, Riad Younes, Rita von Hunty, Rogério Tuma, Sérgio Martins, Sidarta Ribeiro, Vilma Reis, Walfrido Warde
ILUSTRADORES: Eduardo Baptistão, Severo e Venes Caitano

CARTA ON-LINE
EDITORA-EXECUTIVA: Thais Reis Oliveira
EDITORES: Alisson Matos e Brenno Tardelli
EDITOR-ASSISTENTE: Leonardo Miazzo
REPÓRTERES: Ana Luiza Rodrigues Basilio (CartaEducação), Camila Silva, Getulio Xavier, Marina Verenicz e Victor Ohana
VÍDEO: Carlos Melo (Produtor)
VIDEOMAKER: Natalia de Moraes
ESTAGIÁRIOS: Beatriz Loss, Caio César e Sebastião Moura
SITE: www.cartacapital.com.br

basset editora

EDITORA BASSET LTDA. Rua da Consolação 881, 10º andar. CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

PUBLISHER: Manuela Carta
DIRETOR DE OPERAÇÕES: Demetrios Santos
GERENTE DE TECNOLOGIA: Anderson Sene
ANALISTA DE CIRCULAÇÃO: Ismaila Alves
AGENTE DE BACK OFFICE: Verônica Melo
CONSULTOR DE LOGÍSTICA: EdiCase Gestão de Negócios
EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos, Fábio André da Silva Ortega, Raquel Guimarães e Rita de Cássia Silva Paiva

REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:
RIO DE JANEIRO: Enio Santiago, (21) 2556-8898/2245-8660, enio@gestaodenegocios.com.br
BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br
CE/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, agholanda@Agholanda.com.br
MG: Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoaureliomaia@gmail.com
OUTROS ESTADOS: comercial@cartacapital.com.br

ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Firbraz Serviços Contábeis Ltda. Av. Pedroso de Moraes, 2219 – Pinheiros – SP/SP – CEP 05419-001. www.firbraz.com.br, Telefone (11) 3463-6555

CARTACAPITAL é uma publicação semanal da Editora Basset Ltda. CartaCapital não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. As pessoas que não constarem do expediente não têm autorização para falar em nome de CartaCapital ou para retirar qualquer tipo de material se não possuírem em seu poder carta em papel timbrado assinada por qualquer pessoa que conste do expediente. Registro nº 179.584, de 23/8/94, modificado pelo registro nº 219.316, de 30/4/2002 no 1º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa.

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP
DISTRIBUIÇÃO: S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)
ASSINANTES: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C113090

CENTRAL DE ATENDIMENTO

Fale Conosco: http://Atendimento.CartaCapital.com.br
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

Edições anteriores: avulsas@cartacapital.com.br

CARTAS CAPITAIS

INTÉRPRETE DE SI MESMO

Brilhantes os artigos de Mino Carta e Luiz Gonzaga Belluzzo, um complementar ao outro. Não há mudanças efetivas sem que se mexa nas feudais estruturas socioeconômicas da elite. Mino trava essa batalha de forma solitária há anos. Em outra frente, Belluzzo desnuda os repaginados defensores da Justiça. Todos eles agarrados em seus conchavos com o patronato da mídia. Aliados de ocasião. Oportunistas e descarados. Nenhum desses fariseus jornalistas fez *mea-culpa*. E vivem exigindo que Lula e o PT façam os deles. Nem mesmo se desculparam com o ex-presidente.
Antonio Mattar

A PRIORIDADE É DERROTAR O ENERGÚMENO

Menos de uma semana. Fora Bolsonaro! O Brasil não aguenta mais a fome, a miséria e o desemprego. Que Lula nos devolva o poder de sonhar.
Gleydson Leite

Há que se fazer uma assepsia nessa nódoa histórica, um acidente da vida republicana. Tempos virão para curar as sequelas. Parafraseando o orador inglês John Curran, o preço da nossa liberdade será a eterna vigilância.
Lauriberto Cassao

A ÚLTIMA CARTADA

Só o gado ainda acredita em tamanhas mentiras bolsonaristas. Para a nossa felicidade, não passa de 35% do eleitorado.
Fanger Figueiredo

O povo está vacinado contra a Covid e a desinformação. Não cairá tão facilmente em mentiras, mas é preciso que a Justiça esteja vigilante.
Ana Lúcia Duarte

Bolsonaro tem suas *fake news*, mas Lula tem o voto do povo brasileiro. Vamos elegê-lo outra vez, desta em primeiro turno. Responderemos às mentiras com sabedoria. Fora genocida!
Luiz Henrique

CORRIDA DE OBSTÁCULOS

Achei a proposta de candidaturas coletivas bem interessante. Aqui na Paraíba temos a candidatura do "Coletivo Nossa Voz" para deputado federal, com quatro representantes de movimentos populares.
Cláudia Castro

O EXÉRCITO DA DESINFORMAÇÃO

Esses crápulas serão vencidos, suas insanidades e inverdades em poder serão esquecidas. Viveremos novos tempos em breve.
Luiz dos Santos

Bolsonaro e seus aliados tentam deturpar a realidade, mas o povo resiste de olhos abertos. Não vencerão.
Elaine Machado

NA UNIVERSIDADE, O MITO DE OXUM

Conceição Evaristo merece estar na Academia Brasileira de Letras. É uma vergonha termos lá Merval Pereira e não a genial, brilhante e competente escritora. A ABL está sempre repleta de inúteis, como denunciava Lima Barreto.
Silvana Mansano

DESVENTURAS EM SÉRIE

A única força que Castro tem ao seu lado é a do além. Não é à toa que o Ceperj pagava funcionários secretos, que nunca apareceram. Para eliminar os fantasmas, neste ano não chamem os *Ghostbusters*, e sim Marcelo Freixo.
Fabio Freeland

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

E-mail: cartas@cartacapital.com.br, ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.
•Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail **redacao@cartacapital.com.br**

A Semana

Mais corda a cinco dias das eleições

O Ministério da Cidadania publicou, na terça-feira 27, uma portaria que regulamenta o empréstimo consignado para os beneficiários do Auxílio Brasil. Segundo as regras, o número de prestações não poderá ser maior que 24 parcelas mensais e sucessivas. Além disso, os juros não podem ser superiores a 3,5% ao mês. A taxa, vale lembrar, é bem superior à cobrada de aposentados e pensionistas do INSS, que pagam 2,14% ao mês nas operações com desconto em folha. Mas, no vale-tudo eleitoral, Bolsonaro não tem pudores de empurrar milhões de pobres para o endividamento.

Governo/ Rachadinha no Planalto

Agentes da PF identificam transações suspeitas em gabinete de Bolsonaro

A Polícia Federal encontrou no telefone do principal ajudante de ordens de Jair Bolsonaro mensagens que levantam suspeitas sobre transações financeiras feitas no gabinete do presidente da República, revelou a *Folha de S.Paulo*. Mensagens de texto, fotos e áudios trocados pelo tenente-coronel Mauro César Barbosa Cid com outros funcionários do Palácio do Planalto sugerem a existência de depósitos fracionados e saques em dinheiro. As movimentações se destinavam a pagar contas pessoais da família do ex-capitão e da primeira-dama, Michelle Bolsonaro.

Atendendo a um pedido da PF, que busca descobrir a origem do dinheiro, o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, autorizou a quebra de sigilo bancário de Cid. A suspeita é de uso de verbas públicas para o pagamento de despesas pessoais do clã Bolsonaro, como faturas do plano de saúde de um parente e repasses fracionados para uma tia de Michelle, que cuida da filha Laura quando a primeira-dama viaja.

A quebra de sigilo bancário ocorre no âmbito do inquérito que apura um ataque *hacker* ao sistema do Tribunal Superior Eleitoral. Cid tornou-se alvo dos investigadores por ter atuado no vazamento do inquérito sigiloso. Antes de ter as contas devassadas, ele teve o sigilo telemático (de *e-mails* e arquivos eletrônicos) quebrado por ordem de Moraes. Foi justamente ao analisar esse material que a PF se deparou com as movimentações atípicas.

Chamaram atenção da polícia os depósitos fracionados e saques em espécie, prática utilizada por quem tenta ocultar a procedência do dinheiro. De acordo com o Ministério Público fluminense, esse tipo de expediente foi largamente utilizado para maquiar a prática da "rachadinha" – apropriação indevida do salário de servidores – no gabinete do então deputado estadual Flávio Bolsonaro. A Presidência nega, porém, qualquer irregularidade nas transações e afirmou à *Folha* que os valores movimentados têm como origem a conta particular do presidente.

O tenente-coronel Cid é o principal ajudante de ordens do capitão

Júlio Lancellotti/

O intelectual do ano

O trabalho do padre é reconhecido com o Prêmio Juca Pato de 2022

O padre Júlio Lancellotti foi eleito o intelectual brasileiro do ano pelo Prêmio Juca Pato, oferecido pela União Brasileira de Escritores desde 1962 aos autores que tenham publicado obras de relevância ou que contribuíram para o desenvolvimento do País e da democracia. Pedagogo, o sacerdote foi um dos fundadores da Pastoral da Criança e participou da redação do Estatuto da Criança e do Adolescente. Autor de livros como *Amor à Maneira de Deus* e *Tinha Uma Pedra no Meio do Caminho: Invisíveis em Situação de Rua,* Lancellotti notabilizou-se, porém, pelo trabalho à frente da Pastoral do Povo da Rua de São Paulo.

Mesmo figurando no grupo de risco ao contágio da Covid-19, o religioso não deixou de atuar em favor da população em situação de rua. Ao contrário, municiado de luvas e máscara de proteção com duplo filtro, intensificou o trabalho assistencial na pandemia, oferecendo alimentação a mais de 5 mil pessoas diariamente. O esforço foi reconhecido pelo papa Francisco, que fez questão elogiar sua atuação em telefonema ao pároco da Igreja de São Miguel Arcanjo, na Mooca, Zona Leste da capital paulista.

Protagonista da reportagem de capa da edição 1210 de *CartaCapital*, publicada em junho, Lancellotti também tem se dedicado ao combate da aparofobia – ódio ou aversão a pobres – e mobiliza-se pela aprovação de projetos de lei que vetam a chamada "arquitetura hostil", como a instalação de pedras e lanças para impedir que os sem-teto possam dormir na calçada.

Em campanha, o religioso chegou a visitar comércios na companhia de pessoas em situação de rua, registrando em vídeo a reação dos demais clientes. "Um dia, fomos para a Rua Oscar Freire e entramos em uma sorveteria. Os clientes saíram da loja e foram para as mesinhas do lado de fora. Em um restaurante no Tatuapé, uma cliente da mesa ao lado foi embora, deixou para trás o prato cheio de comida", relatou na ocasião. "Na igreja mesmo já fui chamado de 'o padre dos maloqueiros'."

RENATO LUIZ FERREIRA E JOSÉ DIAS/PR

O sacerdote agora está em campanha contra a aparofobia

Pobreza infantil bate recorde

No Brasil, 44,7% das crianças até 6 anos de idade viviam em domicílios pobres em 2021, revela um estudo do Laboratório de Desigualdades, Pobreza e Mercado de Trabalho da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o PUCRS Data Social. Trata-se do maior patamar da série histórica, iniciada em 2012. A alta foi de 8,6 pontos porcentuais na comparação com 2020. Em termos absolutos, o número de crianças pobres passou de 6,4 milhões para 7,8 milhões. Ou seja, mais 1,4 milhão de menores caíram na linha da pobreza – renda *per capita* inferior a 465 reais, o mesmo critério usado pelo Banco Mundial. O contingente é similar ao da população de Porto Alegre.

A Semana

Edward Snowden, cidadão russo

Em decreto publicado na segunda-feira 26, o presidente Vladimir Putin concedeu a nacionalidade russa a Edward Snowden, ex-funcionário da Agência de Segurança Nacional dos EUA, refugiado na Rússia desde 2013. A extradição de Snowden é reivindicada por Washington, devido ao vazamento de dezenas de milhares de documentos que comprovam a amplitude da vigilância eletrônica praticada pelo governo norte-americano contra as administrações de outras nações. Sem passaporte, Snowden chegou a Moscou em 2013 procedente de Hong Kong, com a ideia de buscar refúgio na América Latina. Ao cabo, acabou retido na Rússia, onde recebeu asilo.

Peru/ Desastre ou sabotagem?

Governo decreta estado de emergência por vazamento de petróleo na Amazônia

O Peru decretou, no domingo 25, estado de emergência de 90 dias na área amazônica afetada por um vazamento de petróleo. A decisão foi anunciada nove dias depois que uma ruptura no oleoduto Norperuano derramou cerca de 2,5 mil barris de petróleo bruto no Rio Cuninico, na região de Loreto, afetando seis comunidades indígenas. A medida visa facilitar as ações de mitigação de impactos e descontaminação dos rios.

Uma das maiores obras do país, o oleoduto Norperuano foi construído há quatro décadas para transportar petróleo bruto da região amazônica até Piura, na costa. Segundo a estatal Petroperú, o vazamento foi resultado de um corte de 21 centímetros na tubulação do oleoduto, que se estende por 800 quilômetros.

A promotoria peruana abriu investigação para apurar a causa do rompimento. Desde janeiro, a Petroperú relatou 11 ataques ao seu oleoduto. Segundo a Sociedade Nacional de Mineração, Petróleo e Energia, desde 2014 foram registrados 29 atos de sabotagem contra a tubulação.

O agressor foi aluno do colégio e cometeu suicídio após o crime

Rússia/ MASSACRE EM ESCOLA

ATIRADOR NEONAZISTA MATA 11 CRIANÇAS E QUATRO ADULTOS EM ATENTADO

Com o rosto coberto por uma balaclava e vestindo camiseta estampada com a suástica nazista, um atirador matou 15 pessoas, entre elas 11 crianças, antes de se suicidar em uma escola na Rússia na segunda-feira 26. Dos quatro adultos mortos, dois eram seguranças e dois, professores.

O autor do ataque terrorista foi identificado pelas autoridades russas como Artem Kazantsev, homem de cerca de 30 anos que havia sido aluno do colégio invadido. O Comitê de Investigação da Rússia, que lida com crimes graves no país, informou ter realizado uma perícia na casa do agressor e apura possíveis conexões dele com o movimento neonazista.

Durante o tumulto, 22 crianças e dois adultos ficaram feridos. No momento do ataque, havia cerca de mil alunos e 80 professores no local. O governador da região de Udmúrtia, palco do massacre, Alexander Brechalov, disse que várias das vítimas foram submetidas a cirurgias de emergência e acrescentou que o agressor fazia tratamento psiquiátrico.

GAGE SKIDMORE, MARIA BAKLANOVA/KOMMERSANT/AFP E MINISTÉRIO PÚBLICO DO PERU

Diplomacia/

Pelo respeito às urnas

O Senado dos EUA aprova recomendação de romper relação com o Brasil em caso de golpe

Em reação aos constantes ataques de Jair Bolsonaro ao nosso sistema eleitoral, o Senado dos EUA aprovou, na quarta-feira 28, uma resolução em favor do respeito ao resultado das urnas nas eleições do Brasil. Aprovado por consenso, o texto pede que o ex-capitão "garanta que as eleições de outubro de 2022 sejam conduzidas de maneira livre, justa, crível, transparente e pacífica" e insta o presidente Joe Biden a reconhecer o vencedor do pleito logo após anúncio do Tribunal Superior Eleitoral.

Sem precedentes, a moção recomenda ainda que Washington rompa relações com o país em caso de golpe. Liderada pelo democrata Bernie Sanders, a iniciativa contou com o apoio dos senadores Tim Kaine, chefe do subcomitê de Relações Exteriores do Congresso para o hemisfério ocidental, Patrick Leahy, presidente *pro tempore* do Senado, Jeff Merkley, Richard Blumenthal e Elizabeth Warren. Apesar de Donald Trump ter manifestado apoio a Bolsonaro nas eleições, os republicanos não apresentaram objeções à moção proposta por Sanders.

"Seria inaceitável os EUA reconhecerem um governo que chegue ao poder de forma não democrática, mandariam uma mensagem terrível a todo o mundo", afirmou o senador democrata. "O governo Biden deve deixar claro que os Estados Unidos não apoiam nenhum governo que chegue ao poder no Brasil por meios não democráticos e assegurar que a assistência militar é condicional à democracia e à transição pacífica de poder."

Por meio de nota, Kaine reforçou o apelo do colega: "Com esse voto, o Senado envia uma mensagem poderosa de que está comprometido em dar os braços ao povo brasileiro em apoio à democracia no País e continua confiante de que as instituições eleitorais do Brasil vão garantir uma eleição livre, justa e transparente".

Bernie Sanders liderou a iniciativa

Escândalo no BID

A assembleia de governadores do Banco Interamericano de Desenvolvimento, conhecido pela sigla BID, demitiu na segunda-feira 26 seu presidente, Mauricio Claver-Carone. Uma investigação interna concluiu que ele manteve uma relação íntima com uma subalterna, desrespeitando as normas da instituição. O gestor será substituído pela vice-presidente-executiva, a hondurenha Reina Irene Mejía Chacón, até a realização de uma nova eleição. Claver-Carone foi indicado ao posto pelo presidente norte-americano Donald Trump em 2020, rompendo com a tradição de que o cargo seja exercido por um latino-americano. O brasileiro Jair Bolsonaro, sempre disposto a atender aos interesses da pátria para a qual costuma bater continência, avalizou a escolha de seu mentor.

Nos braços do povo

AS CLASSES POPULARES PROMETEM VOTAÇÃO MACIÇA EM LULA E SÃO AS GRANDES RESPONSÁVEIS PELA IMINENTE VOLTA DO PETISTA AO PODER

por ANDRÉ BARROCAL

A brasiliense Eliana Francisca Pereira, negra de 62 anos, mora com a filha na Ceilândia, uma das áreas mais pobres da capital do Brasil. Na sua vizinhança, a fome é um drama. "Vejo as pessoas pegando do lixo para comer." O que ganha como diarista, um salário mínimo e meio por mês, "escorre pela mão" por causa do "descontrole" dos preços no supermercado, conta ela. Carro e casa são sonhos impossíveis para o povão, prossegue Eliana, que diz ver ao seu redor "descrédito" com o futuro. Quando ela for às urnas em 2 de outubro, será com "esperança". Seu voto para presidente está decidido há um bom tempo: "Com o Lula, a minha condição financeira era melhor, a condição de vida das pessoas era melhor, dava até para pensar em comprar casa". Mas ele não é "ladrão", como repete Jair Bolsonaro? "Todo mundo que entra na política entra para beneficiar alguém, beneficiar a si mesmo, uma categoria... Precisa olhar para o todo e o Lula fez isso", afirma a diarista, que não terminou o ensino fundamental, estudou até a Sexta Série. "O Bolsonaro só pensa na elite e naquele grupo dele. Ele é desprezível."

"Desprezível" é como Joaquim Barbosa, ex-ministro do Supremo Tribunal Federal que mora em Paris, descreve a imagem de Bolsonaro nas grandes democracias do mundo. O algoz do PT no "mensa-

Eliana Pereira não tem dúvidas em relação ao voto. "Com Lula, minha condição financeira era melhor"

RICARDO STUCKERT E CLAUDIO REIS

lão” declarou voto em Lula em um vídeo da última semana da campanha. Vários figurões saíram a público em favor do ex-presidente na reta final. Celso de Mello, outro ex-juiz do Supremo, André Lara Resende, economista que participou do Plano Real, Miguel Reale Jr., jurista autor do pedido de *impeachment* de Dilma Rousseff, as cantoras Angélica e Xuxa. Esses apoios compunham um esforço do comitê lulista para liquidar a disputa já, sem um mano a mano com Bolsonaro no fim de outubro. O objetivo era convencer indecisos e simpatizantes de Ciro Gomes e Simone Tebet a não esperar para se livrar do capitão. As pesquisas indicam chance real de uma vitória do petista no primeiro turno, e certamente os figurões eram capazes de influenciar eleitores. Mas é graças a pessoas como a doméstica Eliana que Lula está a um passo de voltar ao poder.

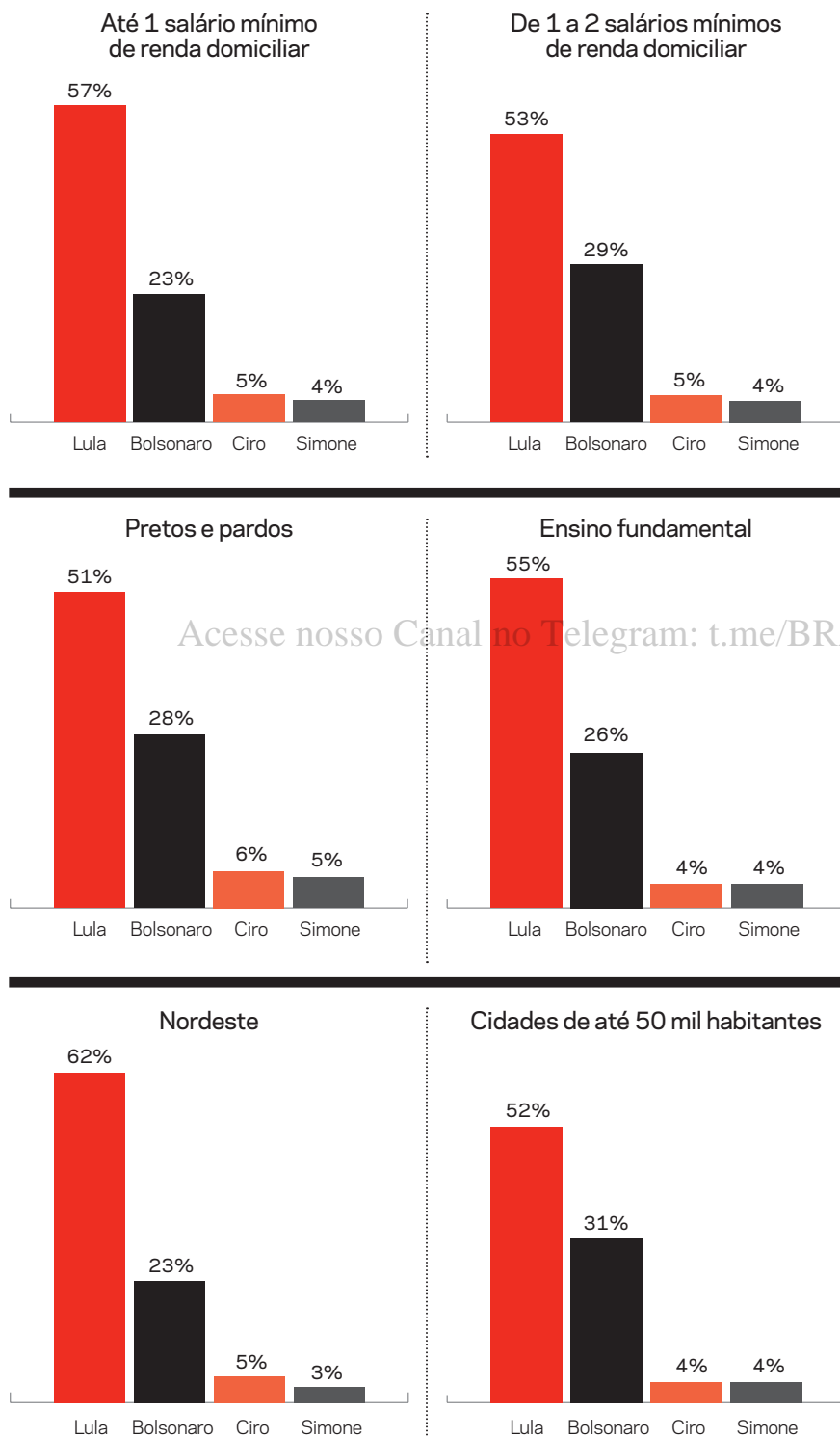
Entre os brasileiros com renda domiciliar mensal de até um salário mínimo (1,2 mil reais), 57% têm intenção de votar no ex-presidente e 23%, no atual, conforme uma pesquisa do Ipec, o antigo Ibope, de 26 de setembro. Uma família média brasileira é composta de três indivíduos, daí que a renda acima seria de 400 reais *per capita*. No eleitorado de um a dois mínimos (2,4 mil) de renda domiciliar, caso de Eliana, o resultado é parecido: 53% a 29%. A pobreza aqui tem cor, herança de três séculos de escravização de africanos. Entre negros e pardos, 55% da população, metade prefere Lula e 28%, Bolsonaro. No eleitorado que cursou até o ensino fundamental, 55% a 26% para o petista. O batalhão formado por analfabetos, por cidadãos com alfabetização precária ou, no máximo, ensino fundamental é de 63 milhões, 40% dos 156 milhões de mulheres e homens aptos a ir às urnas, informa o Tribunal Superior Eleitoral. No Nordeste, símbolo da miséria nacional, 62% planejam votar no petista e 23%, no capitão. A região abriga 42 milhões de eleitores, 27% do total.

As pesquisas que consultaram número maior de eleitores de baixa renda dão vitória ao líder petista no primeiro turno

A RENDA CAIU, A INFLAÇÃO FUSTIGA AS FAMÍLIAS MAIS POBRES E 33 MILHÕES PASSAM FOME, MAS BOLSONARO NEGA A REALIDADE

Um tempo atrás, o presidente licenciado do sindicato dos trabalhadores da construção civil de São Paulo, Antônio de Sousa Ramalho, ex-deputado estadual pelo PSDB, fez um experimento. Simulou a eleição e colheu o voto dos pedreiros de algumas obras. De uns 400 votantes, mais de 390 optaram por Lula. Esse episódio foi relatado a *CartaCapital* pelo

O VOTO DOS MAIS POBRES

Fonte: Pesquisa Ipec (ex-Ibope) de 26 de setembro

candidato do PSB a senador por São Paulo, Márcio França, integrante da aliança petista. “Quantos pedreiros, carpinteiros, faxineiros você tem na sua convivência diária? Poucos, e às vezes você nem percebe que eles estão por aí, mas eles votam e eles decidem igual a você. Eles são a ampla maioria e vão decidir a eleição de maneira esmagadora”, diz França. “Essa população tem uma memória remota, e correta, de que no tempo do ex-presidente Lula vivia em condições melhores, em especial na compra de comida e de bens de consumo. Um quilo de picanha aqui em São Paulo custa 110 reais, é impossível o pobre comprar”, completa ele, a apostar: o ex-metalúrgico vence no primeiro turno por uma margem estreita, mas suficiente, de 400 mil, 500 mil votos.

A cegueira para o que está fora do próprio cercadinho impede o bolsonarismo de enxergar a massa de “pedreiros, carpinteiros, faxineiros” citada por França. Na classe média e nos mais ricos, a adesão ao capitão é maior do que nas populares. São seguidores fanáticos do presidente, os mesmos que foram às ruas no 7 de Setembro. Eis por que a turma repete que, pelo “DataPovo”, o capitão será reeleito de goleada. Tirar conclusão geral a partir de um universo não representativo do todo: um erro. Seria essa a explicação para o negacionismo alimentar do chefe da nação? Na campanha, ele falou duas vezes em um mesmo dia, 26 de agos-

RICARDO STUCKERT

Eleitores de Ciro Gomes e Simone Tebet podem unir-se aos lulistas para derrotar Bolsonaro na primeira etapa de votação

to, que não há famintos na porta das padarias a pedir pão. No debate da Band, chamou de "demagogia" o número de 33 milhões de brasileiros que passavam fome em 2021, dado divulgado em junho por uma rede de pesquisadores acadêmicos e da sociedade civil, a Penssan. A propósito, o debate da Globo, em 29 de setembro, dia da conclusão desta reportagem, era tido como decisivo sobre o fim da eleição já no primeiro turno.

Além dos 33 milhões de famintos, outros 32 milhões comem menos do que queriam. No atual governo, comer leva uma parte maior da renda. Em dezembro de 2018, véspera de Bolsonaro assumir, uma cesta básica na cidade de São Paulo custava, em média, 471 reais, o equivalente à metade do salário mínimo, de acordo com um acompanhamento periódico do Dieese. Em agosto passado, saía por 798 reais, ou dois terços do piso. O salário mínimo, que deixou de ter ganhos reais com o capitão, tem sido reajustado apenas pela inflação. Para o ano que vem, o governo propôs um piso de 1,3 mil reais no orçamento enviado ao Congresso. Em entrevista à Record em 26 de setembro, o presidente prometeu que o valor será maior. Alguém acreditou?

A contenção do salário mínimo contribui para segurar a renda geral dos trabalhadores. Em julho, o salário médio dos 98 milhões de brasileiros ocupados era de 2.693 reais, conforme o IBGE, o órgão oficial das estatísticas. Valor igual ao de uma década atrás (2.685), o que significa perda do poder de compra. Não é à toa que as principais centrais sindicais se uniram no apoio a Lula e na pregação de que a eleição seja decidida no primeiro turno.

Bolsonaro nega a fome no País, mas há uma dúvida real: quantos pobres o Brasil tem? A pandemia bagunçou um pouco o que se sabe sobre a renda da população, mas não é só isso. O governo não deu importância ao censo demográfico do IBGE. O último é de 2010. Um novo está em curso desde agosto, mas foi necessária uma ordem do Supremo ao governo, a pedido do Maranhão. Conhecer a realidade ajuda a construir políticas públicas, eis o motivo da ação maranhense. O ministro da Economia, Paulo Guedes, era contra o censo. Acha que custa caro demais (serão gastos 2,2 bilhões de reais) para não dar em nada relevante. Guedes, recorde-se, é aquele que no início de 2020 dizia que o dólar não podia ser barato, pois até domésticas iam para a Disney.

A incerteza sobre o tamanho das classes de baixa renda reflete-se nas pesquisas de intenção de voto. Os institutos en-

O NÚMERO DE POBRES NAS PESQUISAS

A quantidade diferente de entrevistados que têm renda domiciliar de até dois salários mínimos (R$ 2,4 mil) explica o resultado distinto apurado nos levantamentos

Ipec (ex-Ibope):
55% de pobres ouvidos

Datafolha:
51% de pobres ouvidos

Ipespe:
48% de pobres ouvidos

Poder Data:
46% de pobres ouvidos

FSB:
44% de pobres ouvidos

Intenção de voto

45% | 35%

Lula | Bolsonaro

trevistam quantidades diferentes de pessoas desse segmento, daí seus resultados serem divergentes. No Ipec e Datafolha, cerca de metade da amostra é de brasileiros com renda domiciliar de até dois salários mínimos (2,4 mil reais). Nos dois levantamentos, a vantagem de Lula sobre Bolsonaro é maior (de 14 a 17 pontos). Idem suas chances de vencer no primeiro turno. Nas pesquisas Ipespe, PoderData e BTG/FSB, há um número menor de entrevistas na mesma faixa de renda (na casa dos 45%). Nelas é menor a folga do ex-presidente sobre o atual (10 pontos).

Um dos levantamentos com menos pobres ouvidos, o Genial/Quaest, tem dados específicos sobre a preferência dos recebedores do Auxílio Brasil, o velho Bolsa Família. Às vésperas do início da campanha, Bolsonaro tentou, digamos, conquistar a boa vontade desse público, cerca de 18 milhões de pessoas, das quais 15 milhões são mulheres. Ampliou o benefício de 400 para 600 reais. O novo valor começou a ser pago em 9 de agosto. Adiantou algo para o presidente? Nada. Em 3 de agosto, uma semana antes do início do pagamento, Lula tinha 36% de votos espontâneos entre os recebedores do auxílio e Bolsonaro, 23%. No cenário estimulado, dava 52% a 29% para o petista. Em 28 de setembro, a dianteira do líder tinha crescido: 47% a 22% no voto espontâneo e 57% a 26%, no estimulado.

"Essa discussão mudará no Brasil depois desta eleição. Passamos 18 anos, desde a criação do Bolsa Família, ouvindo que a população mais pobre votava em Lula, no PT e na Dilma *(Rousseff)* porque tinha sido comprada. Agora vemos que não é isso", diz a economista Tereza Campello, ex-ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. "A premissa de que o Bolsa Família comprou o povo caiu. Era uma 'informação' preconceituosa, equivocada, que parte do princípio de que o pobre é venal e se vende

Não confie nos seus olhos. Os famélicos que você encontra em cada esquina não existem, garante Bolsonaro

por meia dúzia de moedas. A imprensa hegemônica também vai ter de reconhecer isso." Para Campello, o povão votará maciçamente em Lula pela memória. "E não foi só o consumo, até na esquerda dizem isso, foi o conjunto da obra que alterou o padrão de vida dessas pessoas." As cisternas do Nordeste continuam de pé, o programa Luz para Todos espalhou energia elétrica aos rincões (com a privatização da Eletrobras, seria possível fazer isso hoje?), a criação de 18 universidades federais, o ProUni e o Fies abriram o ensino superior a estudantes carentes.

O contraste com o atual governo é para lá de desfavorável a Bolsonaro. Alguns exemplos: o capitão encontrou a educação básica com uma verba federal de 7,5

O CAPITÃO FEZ POUCO CASO DA ATUALIZAÇÃO DO CENSO E PARECE TER SUBESTIMADO O PESO DA POPULAÇÃO DE BAIXA RENDA

bilhões de reais em 2019. Valor igual ao deste ano, ou seja, uma perda em termos reais, considerada a inflação. Para o ano que vem, a proposta do governo é ainda menor, de 5,2 bilhões. A quantia federal repassada para ajudar na merenda nas escolas estaduais e municipais está congelada desde 2017, tempos de Michel Temer. O Congresso aprovou este ano uma correção do valor, mas Bolsonaro vetou. A consequência é uma merenda de pior qualidade para crianças e jovens que já experimentam restrições alimentares em casa, em razão do estado geral do País. Em setembro, alunos de uma escola pública de Brasília denunciaram que um professor carimba o braço deles para controlar quem já comeu merenda e impedir repetição. O professor é Saimon Freitas Cajado Lima, graduado em Estudos Sociais e Geografia. Trata-se de um militante bolsonarista e anti-Lula nas redes sociais.

Outro exemplo de contraste: o programa Farmácia Popular, de venda de remédios a preços mais baratos, foi criado no governo Lula. São cerca de 35 mil drogarias desse tipo. Quando o capitão assumiu, o programa tinha 2,5 bilhões de reais, o mesmo valor deste ano, outra perda em termos reais. Para 2023, a proposta corta a grana para menos da metade, 1 bilhão.

Não surpreende que o povão esteja pronto para dar o troco e "cortar" Bolsonaro do poder a partir do ano que vem e levar Lula de volta ao posto. •

CARL DE SOUZA/AFP

PAULO NOGUEIRA BATISTA JR.

O terceiro turno

▶ Lula tem como vencê-lo? Uma vitória folgada no próximo domingo certamente facilitaria a vida do presidente

Estamos todos preocupados com as eleições presidenciais. Haverá segundo turno? Logo saberemos se Lula foi eleito de cara ou se voltará a enfrentar Bolsonaro no fim de outubro. Mas não é do primeiro nem de um eventual segundo turno que gostaria de falar hoje, e sim de um outro turno que, se eleito, Lula terá de enfrentar, quer queira, quer não – o terceiro turno.

O que é esse terceiro turno? Ele começa, caro leitor, antes do primeiro e só termina depois da eleição. Trata-se do processo pelo qual o poder econômico-financeiro atua para enquadrar os candidatos, no maior grau possível, tornando-os atentos e obedientes a seus interesses e privilégios.

Isso inclui extrair compromissos do que será e, sobretudo, do que não será feito. E inclui ainda, talvez mais importante, a pretensão de escalar o time do futuro presidente, indicando quem deve e quem não deve ser nomeado para as principais funções, sobretudo na área econômica.

Vejamos o caso do candidato favorito, segundo todas as pesquisas. A turma da bufunfa tem agora um objetivo primordial: garantir que Lula, se eleito, fuja o mínimo possível do *script*. Procura, em outros termos, colonizar seu governo. Este é sentido do terceiro turno no Brasil de 2022.

Temos, agora, pelo menos uma diferença importante em comparação com eleições anteriores: o ponto de partida do *establishment* financeiro é melhor desta vez. A lei de autonomia do Banco Central, aprovada no governo Bolsonaro, estabelece que o comando do Banco Central fica nas mãos de um executivo do mercado, Roberto Campos Neto, pelos primeiros dois anos do novo governo. E Lula, cauteloso, prontificou-se a indicar publicamente que não procurará mudar esse quadro.

No entanto, a turma da bufunfa quer mais, sempre mais. Busca o controle do Ministério da Fazenda, com a indicação de um nome dela, ou palatável a ela, para o comando da pasta mais importante. Dou de barato que o superministério da Economia, uma péssima ideia retomada por Bolsonaro, será dividido de novo em Fazenda, Planejamento e Indústria e Comércio. A Fazenda permanecerá, porém, o ministério mais poderoso.

Como Lula reagirá a essas pressões? Aceitará a canga, tornando-se uma figura em grande parte decorativa, sem poder real na área da economia? Não creio. Lula tem declarado, repetidamente, que volta para fazer mais e melhor. Independentemente disso, o desempenho pífio da economia e da sociedade brasileira, em termos de dinamismo e justiça, exige uma mudança mais estrutural na economia e em outras áreas. Como fazer essa mudança com a Fazenda e o Banco Central imobilizados?

Caro leitor, posso garantir: não estou sendo idealista demais nem sonhando sonhos irrealizáveis. Acredito que é perfeitamente possível tourear essas pressões do poder econômico e conduzir o País a um futuro melhor, de desenvolvimento com autonomia nacional e distribuição de renda. Isso requer coragem e clareza de propósitos que Lula certamente tem.

Mas vamos a praticidades. O que fará Lula? Difícil saber. Depende, entre outros fatores, de como se dará a eleição. Será no primeiro turno? No segundo, com resultado apertado? Ou com alguma folga? Uma vitória folgada sobre Bolsonaro auxiliará a vitória no terceiro turno ou, pelo menos, um resultado favorável para Lula e os que querem mudanças no País.

A liberdade do futuro presidente fica limitada, em alguma medida, pela necessidade de contemplar os integrantes do centro e da centro-direita que ingressaram na frente superampla formada por Lula em 2022. Mas a liberdade não terá sido suprimida.

O ponto crucial seria manter o controle da Fazenda. Isso poderia se dar, talvez, pela nomeação de um político da confiança do presidente. Pode ser alguém que não assuste o mercado, mas esse alguém deveria estar comprometido com uma agenda inovadora. Não um novo Palocci, pelo amor de Deus!

Por que um político, e não um economista? É que o cargo exige, mais do que nunca, capacidade de interagir e negociar com o Congresso. Um político com passagem pelo Congresso e experiência parlamentar poderia ajudar muito, sobretudo agora que os poderes do Congresso se agigantaram por causa da dependência vital de Bolsonaro em relação ao Centrão.

Bem, chega de palpites. Ninguém me perguntou nada. Mas reitero, a título de conclusão e síntese: apesar das limitações e riscos, temos motivos para pensar que haverá vitória, ao menos parcial, no terceiro turno também. •

paulonbjr@hotmail.com

BAPTISTÃO

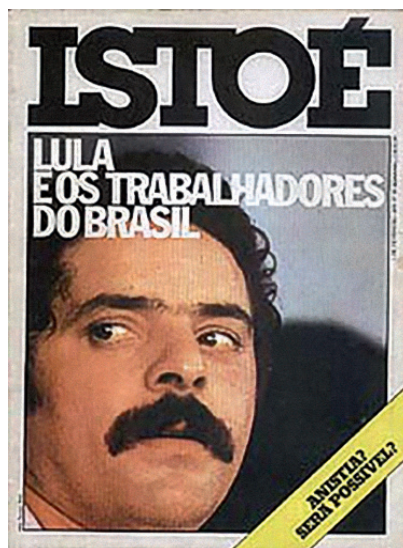
Meu caro Lula

CARTA AO VELHO AMIGO

por MINO CARTA

Tenho por você o afeto de uma sólida amizade de 45 anos e, como já se deu em inúmeras ocasiões, *CartaCapital* o apoia em tudo e por tudo no embate eleitoral contra o energúmeno demente. Há uma prioridade absoluta em jogo: livrar o Brasil do monstro. Você há de lembrar que sempre repeti, por vezes, na presença de outros convidados ao seu escritório no Instituto Lula, que, para resolver o maior problema brasileiro, o desequilíbrio social gigantesco, seria necessário verter sangue na calçada. Ou seja, deflagrar o confronto com os ricos do País.

Nessas ocasiões, você respondia já ter ouvido a mesma frase de outro amigo, o qual na verdade pretendia uma enxurrada sangrenta a chegar bem acima dos calcanhares. A franqueza, no meu entendimento, é própria de uma amizade como a nossa, até mesmo indispensável. O problema, até hoje sem solução, da injusta distribuição de renda é entrave decisivo para uma democracia autêntica. Simplesmente a impede, embora tantos pronunciem a palavra sem lhe conhecer o significado. Liquidar o fanático do Apocalipse que pretende nos governar novamente é obra de pura misericórdia, a bem do País e do seu povo.

Cumprida esta tarefa, repito que só o confronto resolve. Por que optar pelo caminho da conciliação com as elites? Aliás, que elites são estas? Como diz meu companheiro Luiz Gonzaga Belluzzo, no Brasil não existe elite, e sim ricos, desmesuradamente ricos, enquanto o resto é uma multidão infinita de pobres reféns da miséria. Pergunto novamente: por que conciliar? Com quem? Com os donos de fazendas do tamanho de Estados europeus, de casarões instalados nos bairros ridiculamente definidos como nobres, ou de apartamen-

A capa é a primeira dedicada a Lula, em uma edição de fevereiro de 1978. À direita, o abraço registrado por Ricardo Stuckert, infatigável retratista do ex-presidente à beira do retorno

Na cozinha da casa plantada no topo do morro atrás da fábrica da Volkswagen, Lula acaba de voltar da prisão no Dops. A imagem caravaggesca, com a proteção da Virgem do calendário, é de autoria de Hélio Campos Mello

HÉLIO CAMPOS MELLO E RICARDO STUCKERT

tos de um andar inteiro, com garagens para dez carros? Seriam estes, que raramente leram um livro, a nata da sociedade?

E, de resto, será que esses donos de casas grandes e sobrados senhoriais estão dispostos a conciliar? São incapazes de renunciar a coisa alguma, muito pelo contrário, empenham-se freneticamente para alargar as suas fortunas. Nada disso estou a inventar, exponho apenas a sacrossanta verdade factual, como diria Hannah Arendt, pensadora de rara sabedoria. Já vingou no País o adágio velhaco: deixar como está para ver como fica. Recordo que as greves do fim dos anos 70, comandadas pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, foram sinal muito forte erguido contra a ditadura. Militar e também civil, com a adesão compacta dos patrões e da mídia no apelo aos quartéis a favor do golpe de 1964.

Na Vila Euclides, em São Bernardo, você arengava para uma plateia de trabalhadores, incitando-os a uma resistência que brucutus e helicópteros, em voos rasantes, procuravam em vão intimidar. Lembro-me que ao seu palanque levei meu amigo fraterno Raymundo Faoro, e com ele o visitei no Dops, onde você ficou preso, enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Faoro lhe disse: "Se precisar de um advogado, estou à disposição". Você atalhou: "Não se incomode, basta o Greenhalgh". De imediato apoiei a proposta do Partido dos Trabalhadores e compareci a várias reuniões destinadas a lançar a nova agremiação.

Neste período da nossa amizade, agreguei no meu carinho quem esteve muito perto de você, como a infatigável secretária *factótum* Cláudia, o Capitão Moraes, que o levou por mil caminhos, o inseparável Ricardo Stuckert, seu retratista talentoso, e o excelente parceiro Paulo Okamoto, a controlar as despesas do Instituto, além de consumidor feliz de ossobuco à milanesa, sem esquecer o Marcola e o Capistrano, a cuidarem da sua agenda.

Permito-me discordar da ideia recentemente manifestada de que, se eleito, você não vai concorrer à reeleição, ao alegar os 80 anos que terá completado. Lembre-se de um político de quem você gostou bastante e que visitou em Roma, para desculpar-se pelo engano cometido ao oferecer asilo a Cesare Battisti, o criminoso aqui defendido pelo então senador Eduardo Suplicy, uma escritora francesa de romances policiais, e pelo professor Dalmo Dallari, regiamente instalado em Paris. Sem contar o então ministro da Justiça Tarso Genro, a quem em vão tentei convencer que, de fato, se tratava de um fora da lei contumaz.

Aludo a Giorgio Napolitano, presidente da República italiana. Com apoio do Parlamento, transcendeu a letra constitucional e reelegeu-se. Lá também havia outra prioridade absoluta: liquidar com Berlusconi, e contar com a aprovação do chefe do Estado representaria uma intervenção decisiva. Napolitano tinha 90 anos. •

A utilidade do útil

AS LIÇÕES DE NORBERTO BOBBIO, O ESTADO DE BEM-ESTAR SOCIAL E A “AGENDA PERDIDA” DO BRASIL

por LUIZ GONZAGA BELLUZZO

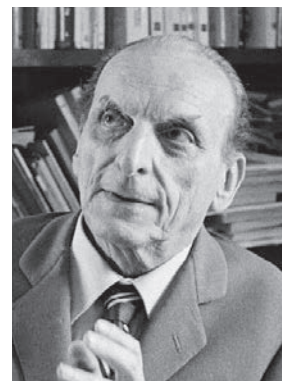
Sexta-feira, 23 de setembro. Ao som dos estampidos das armas bolsonaristas que miram as cabeças, troncos e membros dos cidadãos adversários, recebo um telefonema do amigo José Serra. O senador, ex-candidato à Presidência e ex-governador de São Paulo solicitava minha assinatura em manifesto de apoio à sua caminhada para conquistar uma cadeira na Câmara Federal.

Aceitei, não por nossa amizade, mas em respeito aos princípios declarados na véspera, 22 de setembro, por Fernando Henrique Cardoso na nota publicada nas redes sociais: “Peço aos eleitores que votem no dia 2 de outubro em quem tem compromisso com o combate à pobreza e à desigualdade, defende direitos iguais para todos independentemente da raça, gênero e orientação sexual, se orgulha da diversidade cultural da nação brasileira, valoriza a educação e a ciência e está empenhado na preservação de nosso patrimônio ambiental, no fortalecimento das instituições que asseguram nossas liberdades e no restabelecimento do papel histórico do Brasil no cenário internacional”.

Nos anos 70 e 80 do século passado testemunhei a intensa convivência entre Lula e Fernando Henrique. Cada um a seu modo exercitava a política como vocação e mediação. Mediação entre os dois sistemas de vida que regulam o equilíbrio das sociedades capitalistas: as necessidades e aspirações dos cidadãos e os interesses que se realizam por meio do mercado. Nesse jogo de mediação, crucial para a vida moderna e civilizada, deve-se reconhecer a legitimidade dos interesses contrapostos, um exercício permanente dos governos comprometidos com a soberania popular.

OS ENSAIOS DE CIVILIDADE NO PAÍS FORAM INTERROMPIDOS PELO GOLPE DE 1964

A Constituição Cidadã de 1988 aplainou o terreno para o reconhecimento dos direitos sociais e econômicos, acolhidos na posteridade da Segunda Guerra Mundial por europeus e norte-americanos. Roosevelt, Atlee, De Gaulle, De Gasperi e Adenauer sabiam que não era possível entregar o desamparo das massas ao desvario de soluções salvacionistas e demolidoras das liberdades. Por isso sacralizaram os princípios do liberalismo político para expurgar da vida social o arranjo econômico liberal dos anos 20, matriz das desgraças sociais que engendraram os coletivismos. Ao impor o reconhecimento dos direitos do cidadão, desde o nascimento até a morte, as lideranças democráticas subiram os impostos sobre os afortunados e, assim, ensejaram a prosperidade virtuosa, igualitária e garantidora das liberdades civis e políticas nos Trinta Anos Gloriosos.

No livro *Esquerda e Direita*, Norberto Bobbio envereda por um caminho de poucos seguidores no debate político. Em sua trajetória Bobbio estabelece uma distinção interessante entre o Centro Excludente do Terceiro Incluído e o Centro Inclusivo do Terceiro Includente. Suas

Diretas-Já, outro percalço na caminhada tortuosa do País. Bobbio apontava os caminhos da social-democracia

PAOLA AGOSTI E GERALDO GUIMARÃES/ESTADÃO CONTEÚDO

lições poderiam servir para a turma da terceira via. No debate político, diz ele, o Terceiro Includente é geralmente apresentado como a tentativa de uma terceira via, ou seja, de uma posição que, ao contrário do centro, não está no meio entre a direita e a esquerda, mas busca ir além de um e de outro. Na prática, uma política de terceira via é uma política centrista, mas o ideal é que isso não seja representado como forma de compromisso entre dois extremos, mas como uma superação contemporânea de um e outro e, portanto, como uma aceitação e supressão simultâneas destes (e não, como na posição do Terceiro incluído, rejeição e separação). O Terceiro Includente sempre pressupõe os outros dois: enquanto o Terceiro incluído descobre sua própria essência expulsando-os, o Terceiro includente se alimenta deles. O Terceiro Incluído é apresentado, sobretudo, como práxis sem doutrina, o Terceiro Includente acima de tudo como doutrina em busca de uma práxis, que no momento em que é colocada em prática é realizada como uma posição centrista.

Posso estar enganado ainda uma vez, mas imagino que Bobbio cuida de afirmar os caminhos da social-democracia que Lula percorreu e o PSDB de Fernando Henrique e Serra almejou percorrer. O Estado Social-Democrata foi construído pela luta política dos subalternos no século XX e impôs o reconhecimento dos direitos do cidadão, desde o seu nascimento até a sua morte. Mulheres e homens serão investidos nestes direitos desde o primeiro suspiro, a partir do princípio que estabelece que o nascimento de um cidadão implica, por parte da sociedade, o reconhecimento de uma dívida. Dívida com sua subsistência, com sua dignidade, com sua educação, com suas condições de trabalho e com sua velhice.

Essa dívida da sociedade para com o cidadão deve ser compensada por outra, do cidadão para com a sociedade: o dever de pagar os seus impostos, de respeitar a lei, de cooperar com o trabalho social, enfim, de retribuir o esforço comum.

As particularidades da formação do capitalismo brasileiro lançaram o País na senda da desigualdade ao longo do processo de desenvolvimento. Enquanto a consolidação e a expansão dos direitos nas economias e sociedades desenvolvidas datam do pós-Guerra, no Brasil os ensaios de civilidade foram interrompidos pelo golpe de 1964. A tentativa de recuperar a autêntica e verdadeira "agenda perdida" encontrou guarida nos movimentos de redemocratização que desaguaram na Constituição de 1988. Tanto lá como cá, os avanços do Estado Social e dos direitos do cidadão não são acervo de um político ou partido, mas conquistas da população ao longo de décadas de participação democrática

Nas pegadas da Constituição Cidadã do doutor Ulysses Guimarães, as políticas sociais empreendidas por dona Ruth Cardoso foram intensificadas nos governos do ex-presidente Lula, desenvolvidas com grande abrangência e acerto. Foram notáveis os avanços no projeto de redução das desigualdades.

Os grandes pensadores da modernidade encaravam com horror a possibilidade de vitória dos grupos que veem no direito e na formalidade da lei obstáculos ao exercício da moral. Para eles, tais protestos não são apenas errôneos, mas revelam apego malsão à sua própria particularidade que é desfrutada narcisisticamente sob o disfarce da moralidade.

Seria uma insanidade, no mundo moderno e complexo, tentar substituir os preceitos e a força da lei pela presunção de virtude autoalegada por qualquer grupo social ou, pior ainda, por aqueles que ocupam circunstancialmente o poder. •

O dia seguinte

EVITAR A REELEIÇÃO DE BOLSONARO É O MENOR DOS PROBLEMAS. DECISIVAS SERÃO AS ESCOLHAS A PARTIR DE 1º DE JANEIRO

por SERGIO LIRIO

As primeiras folhas de acácia deitam na rua estreita e o sol invade a sala por um ângulo obtuso. Delicadamente, o marrom pede licença ao verde exuberante, que ainda não se deu conta da mudança de estação, enquanto o vento abranda o calor e espalha a melancolia. Das janelas dos prédios *art déco*, amarelos, verdes e vermelhos, eu e alguns aposentados observamos, com silenciosa cumplicidade, a vida preencher as calçadas do Bairro Azul, enclave peculiar nas Avenidas Novas de Lisboa, "instalação" na arquitetura clássica da cidade. O Bairro Azul foi um presente do ditador António de Oliveira Salazar aos homens e mulheres de bem, erguido na primeira metade do século passado como uma fortaleza inexpugnável em defesa da tradição: Deus, pátria e família. A morte poupou Salazar do desgosto. Não restam vestígios da glória imperial, católica e colonial nas três vielas que formam o pequeno reduto. Chineses e indianos disputam o comércio local, entregadores paquistaneses e brasileiros circulam freneticamente entre os carros e pedestres. Às sextas-feiras, muçulmanos peregrinam até a mesquita e transformam a região em uma pequena Meca. Nem as aves são as mesmas. Periquitos fugitivos chegam em bandos, animados, fanfarrões num bloco de carnaval, para desespero de pombos e gaivotas. Há outros deuses, outras pátrias, outras famílias.

Penso no Brasil. A fortaleza que divide senhores e escravos é a única obra bem-acabada em 500 anos de história. Resiste ao tempo, inabalável. Não só. Renova-se a cada estação. Cada golpe contra a civilização, cada flerte com a barbárie, cada barreira ao mínimo avanço é a argamassa que rejunta os tijolos do atraso, em favor de uma minoria. Convém, portanto, celebrar uma eventual derrota de Bolsonaro no primeiro turno sem perder essa pers-

O CAPITÃO É SÓ O BODE NA SALA. QUEM, DEPOIS, SERÁ CHAMADO À RESPONSABILIDADE?

Quando ele se for, restarão os entulhos

ISAC NÓBREGA/PR

pectiva. Um terço dos brasileiros, no mínimo, preferiria dar um segundo mandato ao presidente inepto e vulgar que manchou a imagem do Brasil no exterior, fez da vergonha alheia produto de exportação, atrapalhou o combate à pandemia, destruiu as estruturas do Estado e consagrou o modo miliciano de governar. Outros tantos, oportunistas, pularam do barco por divergências meramente "estéticas" e vão continuar em busca de um representante à altura, alguém que não se lambuze com pão e leite condensado e tenha pendor pelo trabalho, para executar o mesmíssimo programa – de preferência, sem o amadorismo do capitão e do Posto Ipiranga.

Remover Bolsonaro da cadeira de presidente é o primeiro passo sem o qual nada mais será possível. Ele é o bode na sala. Todo e qualquer voto contra o capitão é um voto em favor do Brasil. Será, no entanto, o mais simples dos atos e executá-lo não passa de uma correção de rota tardia. Nos últimos seis anos, as instituições falharam, miseravelmente. O Brasil falhou como projeto de nação. Impedir a reeleição é um simples gesto de contrição, um pedido de desculpas a nós mesmos e, em especial, a quem mais sofreu, não o brado retumbante de um povo heroico. Decisivas serão as escolhas a partir de 1º de janeiro. Os 33 milhões de famintos, os desempregados, os moradores de rua e os quase 700 mil mortos pela pandemia pagaram a conta do golpe contra Dilma Rousseff, da celebração do lava-jatismo, da Ponte para o Futuro de Michel Temer e da selvageria bolsonarista. Quem será chamado à responsabilidade daqui em diante? Como lidaremos com os corresponsáveis pelo estado de coisas? Bastará o pescoço de Bolsonaro para expiar as nossas culpas?

Lula, indicam as pesquisas, vencerá as eleições. Se não neste domingo, daqui a quatro semanas, salvo uma aventura golpista cada vez mais improvável. Se a fortuna favorecer o País, um mandato mal será suficiente para reconstruir os mecanismos de intervenção pública. Se os tempos forem difíceis, o risco de frustração aumentará exponencialmente. O bolsonarismo, ou no que vier a se transformar esse movimento, ficará à espreita. Os oportunistas de agora e de sempre, "democratas" de ocasião, estarão redimidos e autorizados a repetir seus pecados. Dará trabalho varrer os entulhos dos novos tempos (garimpeiros e madeireiros ilegais, clubes de tiro, militares arrivistas, mascates e quitandeiros). Não é uma disputa que se ganha no gogó. Ainda que se trate de um governo de transição, como acena o ex-presidente, será preciso nova abordagem para evitar a mesma armadilha na próxima esquina. O que será feito para impedir que a tragédia se repita como farsa, ou vice-versa? Aprender com o passado não faz parte da nossa índole, convenhamos. Esquecer, deixar para lá, é a escolha predileta. Melhor seguir em frente sem olhar para trás, diz o senso comum. No dia seguinte, glutões, tentamos roubar o queijo da ratoeira.

Talvez seja uma questão de clima e a primeira brisa de outono em Portugal não me deixe perceber que a primavera no Brasil prenuncia boas-novas, que este erro, ao menos este, grosseiro, de eleger uma figura tão deplorável, não voltará a acontecer. Talvez uma semente tenha brotado onde menos se espera. Ou talvez seja uma questão de tempo, areia a escapar entre os dedos. Um dia, sem que se perceba, contra todas as previsões, à revelia das nossas escolhas, a fortaleza ruirá e o País será outro, pronto a cumprir um destino diferente, como o Bairro Azul que não mais pertence às viúvas de Salazar. •

A democracia na encruzilhada

A EXTREMA-DIREITA CRESCE NO VÁCUO DA INCAPACIDADE DOS LIBERAIS E DOS PARTIDOS DE CENTRO-ESQUERDA DE RESOLVER PROBLEMAS BÁSICOS DAS SOCIEDADES

por ALDO FORNAZIERI

Todas as eleições presidenciais são históricas. No entanto, as deste ano agregam uma singularidade a mais pelas circunstâncias em que ocorrem. Os anos recentes são marcados por ameaças às democracias em vários países. O Brasil não fugiu disso: o governo Bolsonaro representa a mais grave ameaça ao Estado Democrático no período pós-ditadura.

Circula a tese de que governos de extrema-direita que governam países democráticos não se reelegem. Foi o caso de Donald Trump nos EUA e será o caso de Jair Bolsonaro no Brasil. Mas há exceções: Viktor Orbán, na Hungria, está em seu quarto mandato. A Europa está coalhada pela ascensão de partidos de extrema-direita. A Itália deverá ser governada por uma coalizão de inspiração fascista, liderada por Giorgia Meloni. Na Suécia, o partido extremista Democratas Suecos tornou-se o segundo maior e integra um governo de direita. A extrema-direita consolida-se ainda na França, Alemanha, Áustria, Espanha, Polônia, Bulgária e República Tcheca.

Os destinos da extrema-direita no Brasil dependem, em boa medida, do resultado das eleições: se Bolsonaro for derrotado no primeiro turno e eleger uma bancada pequena de deputados e senadores, ela terá dificuldade de operar na oposição. Considere-se que o Centrão não se subordinará à liderança de Bolsonaro. Nessas condições, para ter autonomia, a extrema-direita teria de formar um partido próprio ou hegemonizar um dos partidos existentes.

A extrema-direita cresce no vácuo da incapacidade dos liberais e dos partidos de centro-esquerda de resolver problemas básicos das sociedades: desemprego, estagnação da renda, pobreza e desigualdade, saúde, educação, habitação, imigração, inflação, preços da energia e dos alimentos e crise ambiental. É certo que esses problemas foram agravados pela pandemia e pela guerra, mas existiam antes das mesmas.

Os partidos liberais e de centro-esquerda, no poder, costumam se insular em relação às sociedades, constituem elites que se servem dos privilégios públicos e da corrupção e só recorrem ao povo na hora do voto. Seu maior esforço consiste em promover políticas compensatórias que criam uma falsa sensação de distributivismo que disfarça os sistemas tributários regressivos.

OS EXTREMISTAS FORMAM CONTINGENTES PARA UMA "GUERRA SANTA", COM O OBJETIVO DE ASSALTAR O PODER E ESTABELECER REGIMES AUTORITÁRIOS

Trump não foi reeleito, mas ainda tem força nos EUA

GAGE SKIDMORE

Esses partidos não conseguem reter a lealdade eleitoral das massas e os partidos de centro-esquerda perdem até mesmo a lealdade dos trabalhadores, que se deslocam para as legendas de extrema-direita. Com discursos nacionalistas e moralistas, com a defesa de valores conservadores e apelos a Deus e à religião, essas siglas se revestem de roupagem antissistema e prometem soluções heterodoxas que combinam ações de Estado, políticas populistas e liberdade de mercado.

A extrema-direita, com fórmulas simples e vazias de conteúdo, procura viabilizar-se por uma estratégia fideísta agregando fidelidades pelo moralismo e o conservadorismo. Essas agremiações estão ainda numa fase inicial de formação e de amadurecimento ideológico. O seu agrupamento mais desenvolvido e coeso parece aninhar-se no Partido Republicano dos Estados Unidos.

Tudo indica que a estratégia fideísta visa preparar contingentes para uma futura "guerra santa", com o objetivo de assaltar o poder e estabelecer regimes autoritários. Esse é o desdobramento natural e previsível das estratégias fideístas. Os grupos religiosos extremados – evangélicos, católicos e judeus ortodoxos – constituem contingentes, por excelência, mobilizáveis por essa extrema-direita neonazista.

O risco potencial de regimes autoritários e totalitários sempre será uma ameaça latente nas zonas sombrias da alma humana. A ideia iluminista da infinita perfectibilidade da humanidade revelou-se uma falácia. Assim, precisamos dar razão a Kant: "Não é do interior da moralidade que surge a boa Constituição do Estado. É da boa Constituição que se pode esperar a boa formação moral de um povo".

Não basta Lula vencer as eleições e o bolsonarismo colher uma dura derrota. Da mesma forma, não basta reconstituir as instituições e as premissas democráticas arruinadas por Bolsonaro. Não é suficiente, ainda, implementar políticas compensatórias de mitigação da pobreza e da desigualdade e de recuperação do emprego e da renda para dignificar os brasileiros mais pobres. Será necessário realizar reformas estruturantes, que eliminem os mecanismos que produzem a desigualdade e a concentração de renda numa perspectiva de longo prazo.

Existem duas tarefas ainda mais difíceis. A primeira consiste em favorecer a organização e a participação política do povo como forma efetiva de conquista e garantia de direitos. A segunda, imbricada com a primeira, consiste em criar afetos, fidelidades, uma adesão espiritual a um projeto de país, de nação e de humanidade. As formas vazias da república e da democracia precisam ser superadas pelo calor comunitário da participação e da mobilização, orientadas por valores universalistas da construção de um destino comum para a humanidade em nosso planeta. •

**Aldo Fornazieri é professor da Escola de Sociologia e Política e autor de* Liderança e Poder *(Editora Contracorrente).*

Santo forte

CANDIDATOS DO CAMPO PROGRESSISTA AOS GOVERNOS ESTADUAIS APOSTAM TODAS AS FICHAS NA VITÓRIA DE LULA NO PRIMEIRO TURNO, PARA CONTAR COM O PODEROSO PADRINHO NA ETAPA FINAL

por MAURÍCIO THUSWOHL

DIOGO ZACARIAS/HADDAD 2022

Haddad lidera, mas não abre mão do cabo eleitoral

Às vésperas da eleição, o Brasil aguarda ansioso para saber se Lula será eleito presidente ainda no primeiro turno. A expectativa é grande em toda a classe política, mas os candidatos do campo progressista aos governos estaduais vivem ansiedade redobrada, uma vez que a eventual vitória do petista no próximo domingo fará com que sua presença na campanha do segundo turno seja capaz de mover montanhas. Na avaliação de especialistas consultados por *CartaCapital*, o "fator Lula" poderá ser determinante em alguns dos maiores colégios eleitorais do País.

Tanto para candidatos que aparecem em primeiro lugar nas pesquisas – casos de Fernando Haddad em São Paulo e Elmano de Freitas no Ceará – quanto para aqueles que apostam em uma virada – Marcelo Freixo no Rio de Janeiro e Jerônimo Rodrigues na Bahia – a presença física do "presidente Lula" nas ruas e palanques do segundo turno é encarada como fundamental para deflagrar arrancadas e reverter rejeições. A possível vitória do petista no primeiro turno trará também esperança a candidatos que aparecem bem atrás de seus adversários, casos de Alexandre Kalil em Minas Gerais e Danilo Cabral em Pernambuco. "A presença de Lula será um fator decisivo e uma referência de liderança que pode impulsionar candidaturas. Se ele se sagrar vencedor já no primeiro turno, isso vai desequilibrar o jogo", avalia a cientista política Priscila Lapa, da UFPE.

Cientista político da FGV de São Paulo e colunista do *site* de *CartaCapital*, Cláudio Couto prevê que, se eleito no primeiro turno, Lula terá de se desdobrar nas semanas seguintes: "Ele também estará envolvido nas negociações de transição de governo. E, com Bolsonaro muito provavelmente sabotando esse processo, não vai ser uma parada fácil. De toda forma, é importante para Lula ter candidatos fortes nos estados", diz. Couto aponta Rio e Bahia como dois estados onde a presença de Lula no segundo turno "pode ser decisiva" para a vitória dos candidatos apoiados por ele. Coordenador do Laboratório de Estudos da Mídia e Esfera Pública da Uerj, João Feres Jr. acrescenta que uma vitória do petista no primeiro turno das eleições presidenciais "será fundamental não somente para os candidatos aos governos estaduais que chegarem em segundo lugar, mas também para os que chegarem em primeiro, como no caso do Haddad".

Em São Paulo, pesquisa Ipec divulgada na terça-feira 27 mostra o ex-prefeito da capital e candidato do PT com 34% das intenções de voto, seguido pelo bolsonarista Tarcísio de Freitas, do Republicanos (24%), e pelo governador Rodrigo Garcia, do PSDB (19%). A sondagem apontou estabilidade para Haddad e crescimento dos dois adversários, o que confirma o provável segundo turno. A questão é saber quem será o adversário do petista e como isso influenciará no resultado final. Couto avalia como "difícil" o quadro em São Paulo. "Garcia é um adversário muito mais complicado para Haddad. Por ser o candidato bolsonarista, Tarcísio sofre muito mais rejeição", diz. Para o especialista, se o governador tiver a direita ao seu lado e avançar ao centro será um candidato competitivo: "Para Haddad seria mais fácil ganhar esse eleitor de centro contra o candidato bolsonarista". Segundo o Ipec, no segundo turno Haddad venceria Tarcísio por 44% a 37%. Já contra Garcia o placar é de 41% a 38% a favor do petista, dentro da margem de erro.

Na avaliação do cientista político Ricardo Ismael, da PUC-Rio, a presença de Lula no segundo turno será fundamental para conter uma possível virada do candidato tucano no segundo turno. "O Ipec indica que Garcia poderia vencer Haddad no se-

EM SÃO PAULO, GARCIA É UM ADVERSÁRIO MAIS DIFÍCIL PARA HADDAD. POR SER O CANDIDATO BOLSONARISTA, TARCÍSIO SOFRE REJEIÇÃO MAIOR

gundo turno. Seria, sem dúvida, um candidato mais competitivo do que Tarcísio. Acredito que, por estar no governo, deter o controle da máquina e ter o apoio de muitos prefeitos, ele teria um leve favoritismo no segundo turno", diz. Já Feres Jr. analisa a questão sob o prisma do "clássico espectro ideológico" que envolve qualquer eleição: "Tarcísio está na extrema-direita, Garcia na centro-direita e Haddad na centro-esquerda. Para os eleitores que estão vindo da extrema-direita é muito mais fácil parar na centro-direita do que na centro-esquerda. Já os eleitores de Garcia tendem a se dividir no segundo turno".

No Rio, a pesquisa Ipec divulgada na terça 27 trouxe o governador bolsonarista Cláudio Castro, do PL, em primeiro lugar com 38% das intenções de voto, à frente de Marcelo Freixo, do PSB, que tem 25%. Os dois deverão se enfrentar no segundo turno e a presença de Lula será fundamental para reverter a resistência que o candidato da esquerda enfrenta no eleitorado do interior. O Ipec aponta vantagem de 10 pontos de Castro (44%) sobre Freixo (34%) na simulação de segundo turno: "Hoje, Lula não pode abrir mão das dezenas de políticos que defendem a dobradinha 'Castro-Lula' no interior. Mas, se já tiver vencido no primeiro turno, poderá apoiar Freixo mais decisivamente", diz um dirigente do PT.

No Ipec de 23 de setembro, ACM Neto está na dianteira, mas outras pesquisas recentes apontam para uma virada do petista Jerônimo

A esperança da virada foi renovada até mesmo em quem não pode sequer chegar ao segundo turno, caso de Alexandre Kalil em Minas. Também na terça 27, o Ipec mostrou o candidato do PSD, que tem o apoio de Lula, com 29% das intenções de voto, ainda bem atrás do governador Romeu Zema, do Novo, que aparece com 45%. A boa notícia, no entanto, é que Zema vem caindo lenta e gradualmente e Kalil cresceu 6 pontos em uma semana. A aposta na campanha do PSD é colar em Lula, se houver mesmo segundo turno: "Lula tem potencial maior do que qualquer um dos candidatos a governador e será um cabo eleitoral importantíssimo. Se há muita gente que não vota de jeito nenhum no candidato do Lula, há mais gente ainda que fará questão de votar no candidato dele", observa Feres Jr.

Lula pode ser decisivo também na Bahia. Na pesquisa Ipec divulgada em 23 de setembro, Jerônimo Rodrigues, do PT, aparece em segundo lugar com 32% das intenções de voto, em uma tendência de acelerado crescimento que contrasta com a queda registrada na reta final de campanha por ACM Neto, do União Brasil, que aparece em primeiro com 47% e ainda pode vencer no primeiro turno. Pesquisas mais recentes publicadas por outros institutos, no entanto, já mostram Rodrigues à frente de ACM, fato comemorado pelo governador petista Rui Costa, outro importante cabo eleitoral: "Jerônimo terá 53% dos votos válidos no domingo. Anote esse dado", disse. Indagado de onde vinha tanta confiança, Costa respondeu com outra aposta: "Na Bahia, Lula terá acima de 70% dos votos válidos".

Em outros dois estados no Nordeste, o cenário projetado para o segundo turno e a importância do "fator Lula" ganham um ingrediente a mais, uma vez que as disputas locais estão provocando movimentos tectônicos nas respectivas lideranças regionais. No Ceará, a pesquisa Ipec divulgada em 22 de setembro traz uma situação de raro equilíbrio entre três candidatos, com Elmano de Freitas, do PT, na liderança com 30% das intenções de voto, seguido pelo candidato bolsonarista Capitão Wagner, da UB (29%), e por Roberto Cláudio, do PDT (22%), apoiado por Ciro Gomes. Como pano de fundo da disputa eleitoral há um racha político na família do candidato a presidente, uma vez seus irmãos – o ex-governador Cid Gomes e o ex-prefeito de Sobral Ivo Gomes – apoiam o candidato do PT. "A facada ainda está doendo muito aqui. A ferida está aberta, está sangrando neste momento. Dói pra valer", lamentou Ciro, em recente entrevista ao *Jornal da Record*. Segundo ele, as

divergências familiares o afastaram da campanha no Ceará, o seu berço político.

"Se Elmano e Wagner chegarem ao segundo turno, o PDT tenderá a caminhar em direção ao candidato do PT. Não acredito que Ciro vá interferir contra essa possível aliança. Com a presença física do próprio Lula, há maior possibilidade de Wagner ser derrotado no segundo turno", avalia Ismael, da PUC-Rio. Feres Jr., por sua vez, não descarta a possibilidade de um afastamento entre Ciro e o PDT: "Ele é candidato, mas na verdade é um inquilino do partido. Sacrificou muito os recursos do PDT em nome de sua própria pretensão de ser presidente da República. A partir do momento em que Ciro for carta fora do baralho, acho que a burocracia partidária falará mais alto. Faz muito mais sentido fechar acordo com Lula". Couto acrescenta: "Pode haver uma recomposição importante para governar o Ceará. O risco maior é o Ciro se isolar cada vez mais".

O racha em um clã tradicional da política, a reunir as famílias Arraes e Campos, também marca a disputa eleitoral em Pernambuco. Líder na pesquisa Ipec divulgada em 22 de setembro, Marília Arraes, do Solidariedade, tem 34% das intenções de voto. Atrás dela, um quádruplo empate,

"JERÔNIMO TERÁ 53% DOS VOTOS VÁLIDOS NO DOMINGO. ANOTE ESSE DADO", APOSTA O GOVERNADOR BAIANO RUI COSTA, DO PT

dentro da margem de erro, entre Raquel Lyra, do PSDB (15%), Danilo Cabral, do PSB (13%), Miguel Coelho, do UB (13%) e Anderson Ferreira, do PL (11%). Candidato escolhido pela família do ex-governador Eduardo Campos, Cabral disputará com Marília o apoio de Lula em um eventual segundo turno, embora o PT apoie oficialmente o PSB.

"Esse racha se acentuará, caso o segundo turno ocorra entre Marília e Danilo. A tendência de que Marília se consolide como liderança no estado, ela ganhe ou não a eleição, coloca em risco a proeminência da família Campos como sendo a portadora legítima da herança de Miguel Arraes. Na verdade, é como se fosse uma retomada da liderança de Arraes pelas mãos de quem é mais do núcleo Arraes do que do núcleo Campos", diz Priscila Lapa. Ela avalia que o Brasil vive uma disputa entre o bolsonarismo e o lulismo, e a vitória de uma dessas figuras no primeiro turno fortalecerá um desses movimentos. "A vitória de Lula no primeiro turno consolida que o lulismo se tornou maior do que o antipetismo. É disso que a eleição trata."

Nos estados do Sul, onde Bolsonaro tem maior apoio entre os eleitores, a expectativa dos candidatos progressistas ao governo é de que o movimento pelo voto útil e o crescimento de Lula registrados na reta final de campanha os levem a reverter uma situação desfavorável e chegar ao segundo turno que hoje parece distante. No Rio Grande do Sul, maior colégio eleitoral da região, a pesquisa Ipec divulgada na segunda 26 mostra o ex-governador tucano Eduardo Leite à frente, com 38% das intenções de voto. Em segundo aparece Onyx Lorenzoni, do PL, com 25%. Apoiado por Lula, o candidato do PT, Edegar Pretto, está em terceiro com 15%.

Em Santa Catarina, estado que dá a Bolsonaro a maior vantagem sobre Lula (50% a 25%), há empate em 20% entre o governador Carlos Moisés, do Republicanos, e Jorginho Mello, do PL, ambos declaradamente bolsonaristas. Décio Lima, do PT, está em quinto lugar, 10 pontos atrás dos líderes. Já no Paraná, a força do neopetista e ex-governador Roberto Requião até aqui não vem sendo suficiente para evitar a vitória do governador Ratinho Júnior no primeiro turno. Segundo pesquisa Ipec de 16 de setembro, o candidato do PSD, apoiado por Bolsonaro, mas que abandonou o presidente durante a campanha, lidera com 55% das intenções de voto. Requião aparece em segundo lugar com 28%. "Se chegarmos ao segundo turno com Lula presidente, ainda dá para virar", aposta. •

TIAGO CALAZANS/MARÍLIA ARRAES 2022 E REDES SOCIAIS

Líder isolada, Marília Arraes aguarda a confirmação do adversário que enfrentará no segundo turno

Muito além do voto

A DEMOCRACIA FOI CONSTITUÍDA POR UM CONJUNTO DE LUTAS E CONQUISTAS DE DIFERENTES MOVIMENTOS. TEMOS O DEVER MORAL, POLÍTICO E HISTÓRICO DE PRESERVÁ-LA

por PEDRO ESTEVAM SERRANO

Foi no século 6º a.C., com os legisladores atenienses Sólon e Clístenes, que nasceu a democracia. Seu surgimento se deu pela instituição da isonomia, que significa igualdade, conceito muito valioso até hoje para a política e o Direito. Séculos mais tarde, Jesus de Nazaré e Paulo de Tarso nos trouxeram a teológica lição de que somos todos filhos do mesmo pai. Dotados, portanto, de uma dignidade que nos iguala.

Desde então, igualdade e liberdade se instituem como irmãs siamesas, não como conceitos em conflito. Se somos iguais entre nós, um não tem o direito de se apropriar do outro. Não há liberdade em uma sociedade desigual, e não há igualdade verdadeira em uma sociedade sem liberdade, dado que, se não há liberdade, alguns poucos desigualmente dominam os demais.

As revoluções Francesa, Americana e Inglesa estabeleceram pela primeira vez na modernidade um Estado democrático, mas no contexto de uma democracia ainda incipiente, primitiva e restrita, em que a cidadania, representada pelo direito de voto, no plano formal, somado ao direito a ter direitos, no plano material, só era exercida por homens brancos possuidores de renda ou patrimônio. Esse modelo de sociedade excluía mulheres, negros, trabalhadores.

A democracia universal, tal como conhecemos hoje, foi constituída por um conjunto de lutas e conquistas de diferentes movimentos. Primeiramente, deu-se pelo movimento dos trabalhadores nas jornadas de junho de 1848, em que, embora massacrados pela autocracia, foram lançados como figura política no mundo. Décadas depois, adquiriram seu direito a voto.

A eles sucederam as mulheres sufragistas, que também obtiveram o direito a voto e o de ter direitos. Os movimentos de luta contra a opressão e pelos direitos dos negros na América foram capitaneados pelas verves de Zumbi, Dandara, Malcolm X, Martin Luther King e Marielle Franco.

Da mesma forma, estão na trincheira de luta pela igualdade os indígenas e as comunidades LGBTQIA+, estas que mostraram ao mundo que a liberdade de expressão não deve ser apenas a liberdade de pensamento, mas também a liberdade de expressar afetos, sendo o mais precioso deles o amor. Afetos que não podem ser

EM 2 DE OUTUBRO SEREMOS OS CRISTÃOS PERSEGUIDOS PELOS ROMANOS, AS MULHERES MORTAS NAS FOGUEIRAS DA INQUISIÇÃO. SEREMOS ZUMBI E DANDARA NA LUTA PELA IGUALDADE RACIAL

Precisamos defender o legado das sufragistas

ARQUIVO/LONDON SCHOOL OF ECONOMICS AND POLITICAL SCIENCE

condenados a ficar presos nos armários de uma heteronormatividade autocrática.

Todas essas lutas e tantas outras constituíram o que chamamos hoje de democracia e de direitos. Trata-se de um tesouro ainda insuficiente para uma sociedade justa, mas nem por isso menos precioso. Um tesouro amealhado não pela tinta no papel, mas pelo sangue nas calçadas do sacrifício dos nossos antepassados. Assim, juntamente com o direito de dele usufruir, vem a nós o dever de por ele lutar e transmiti-lo aos nossos sucessores, aos que vão nascer, aos meninos e às meninas dessa comunidade. É um dever de cidadania zelar pela sua preservação e possível ampliação e entregá-lo às novas gerações.

Portanto, na eleição que ocorrerá, além de um direito de todos nós no plano jurídico, votar pela democracia e pelos direitos é um dever moral, político, histórico. Tentar eleger Lula e Alckmin já no primeiro turno se apresenta como um dever não apenas da esquerda ou dos liberais, mas de todo homem e toda mulher que acredita que a decência, a dignidade e a solidariedade devam prevalecer como virtudes da vida humana.

Não são esses os valores encampados do outro lado, definitivamente. Temos presenciado o desdém pelos direitos humanos, um descaso perverso que fere os princípios mais básicos da civilidade e cujos efeitos nefastos atingem pessoas, instituições e o próprio meio ambiente, desorientando o rumo que nossa jovem democracia a muito custo havia encontrado, graças aos esforços das lutas dos movimentos sociais e de pouco mais de uma década de governos progressistas. É como se os agentes daninhos tivessem estacionado um tanque de guerra em meio ao fluxo de ideias e iniciativas que vínhamos experimentando, com o intuito de esmagar e impedir o seu florescimento.

Hoje eles podem ter as armas, a violência, toda a força que o mal traz, mas nossa potência ganha envergadura por estarmos acompanhados, no dia 2 de outubro, pelo espírito dos que já viveram e se sacrificaram e pelo espírito dos que vão viver. Seremos os cristãos perseguidos pelo Império Romano no início do Cristianismo, as mulheres mortas nas fogueiras da Inquisição, os revolucionários que tombaram pela transformação social, os *gays* e os transsexuais que lutaram pela igualdade. Seremos Zumbi e Dandara, Malcolm X, Martin Luther King e Marielle Franco em sua luta pela igualdade racial.

Seremos a memória de todas as mulheres que morrem todos os dias vítimas da violência de gênero, do machismo e da misoginia, e de todos os brasileiros que perderam a vida devido ao negacionismo de Bolsonaro durante a pandemia da Covid. Todas essas pessoas serão revividas no ato de eleger Lula e Alckmin, e vão se unir aos espíritos livres dos que esperam por uma sociedade mais igualitária.

Nós seremos muito mais que nós. E devemos encarar essa oportunidade como histórica, única, em que a luta pelo poder transcende e se transforma em luta pela justiça. •

A serpente está viva

RADICALIZADOS E FORJADOS NA MILITÂNCIA DAS RUAS, OS BOLSONARISTAS FARÃO OPOSIÇÃO NA OFENSIVA, PREVÊ MANUELA D'ÁVILA

a FABÍOLA MENDONÇA

Ex-deputada, candidata a vice-presidente em 2018 e a prefeita de Porto Alegre em 2020, Manuela D'Ávila, do PCdoB, optou por não disputar a eleição deste ano. Vítima de violência política e do discurso de ódio propagado pela extrema-direita, ela nega ter desistido de concorrer ao Senado pelo Rio Grande do Sul, como estava cotada, devido às ameaças que recebe há pelo menos sete anos, informação que classifica como factoide. "Que infantilidade eu teria de achar que deixando de concorrer eu deixaria de ser alvo dessa gentalha", diz. Na entrevista a seguir, a comunista fala da violência nas eleições, do futuro do bolsonarismo e do que esperar de Lula em um terceiro mandato. "Tenho a convicção de que será um governo de disputa de projetos e nós, da esquerda, temos de estar prontos. Precisamos acumular força social para que reformas mais profundas sejam feitas."

CartaCapital: O Brasil vive uma escalada da violência política, com cidadãos sendo agredidos ou assassinados por conta de suas preferências. A senhora e sua família são vítimas de ataques há muito tempo. A decisão de não disputar o Senado neste ano tem relação com esse clima de ódio?

Manuela D'Ávila: Alguns de nós têm sido vítimas dessa violência há bem mais de quatro anos. Isso não começou em 2018. Esse ódio vem sendo disseminado por grupos de extrema-direita, de forma organizada e robotizada na internet, desde 2015. Eu me lembro bem disso, porque estava gestante. São pelo menos sete anos e outros de nós, como o ex-deputado Jean Wyllys, foram vítimas ainda antes. Muitos foram pegos de surpresa nas últimas eleições, continuam agora, porque não atribuíram a real seriedade daquilo que denunciávamos. A violência começa com a não aceitação do resultado eleitoral pelo PSDB e com os discursos radicalizados por grupos como o MBL. Em 2015, ganha o caráter misógino, porque o golpe é antinacional, antipopular e antidemocrático, mas o que legitima socialmente é a misoginia, é o discurso da incompetência feminina de Dilma Rousseff. Eu e a minha família sofremos com isso desde então. Não fui pega de surpresa nas eleições. Na minha gravidez, inventaram que eu tinha feito enxoval em Miami. Passei a dar entrevista sobre o direito de fazer ou não o enxoval em Miami, mas eu nunca estive lá. Quando um factoide é criado, as pessoas passam a falar sobre ele, e não sobre a verdade. Nunca fui candidata ao Senado. Logo, não desisti de candidatura alguma. Disputei dois segundos turnos contra o bolsonarismo. Estive na linha de frente em 2018 e 2020, como candidata a vice-presidente e a prefeita. Ao término das eleições municipais, antecipei que

> "O BOLSONARISMO É VIOLENTO E NÃO MUDARÁ SUA CONDUTA COM A NOSSA VITÓRIA"

possivelmente não concorreria em 2022.

CC: Então, sua decisão não tem relação com a violência política?

MD: Ao contrário. Todas as decisões da minha vida nos últimos sete anos foram tomadas pensando na violência política. Não fui ao supermercado durante anos, por causa desse clima de ódio. Fui candidata duas vezes, mesmo sofrendo ataques constantes. Vivo pensando nisso. "Devo ir a um restaurante para comemorar o meu aniversário?" "Qual é o tamanho da disposição que tenho para enfrentar alguém dizendo que eu liguei para o Adélio Bispo 180 vezes no dia da facada"? Sobre as questões que me fizeram não ser candidata, eu já fui deputada federal e estadual e a minha obrigação é usar esse prestígio para as ideias que defendo. Por essa razão, tenho como candidatas duas outras mulheres que não ocuparam esses espaços e que podem ser deputadas de luta, de esquerda, negras do meu estado, que nunca elegeu uma deputada negra. Que infantilidade eu teria de achar que deixando de concorrer eu deixaria de ser alvo dessa gentalha. Eles me seguem há sete anos. Então, esse discurso é uma narrativa que dá a vitória a eles. Não tiveram e não têm.

Alvo de constantes ataques nos últimos sete anos, a ex-deputada decidiu não disputar as eleições deste ano, mas não por causa das ameaças. "Essa narrativa dá vitória a eles. Não tiveram e não têm"

CLAUBER CLÉBER CAETANO/PR E REDES SOCIAIS

CC: Os disparos em massa de notícias falsas, como aconteceu em 2018, parecem não surtir o mesmo efeito e o maior exemplo disso é Bolsonaro estagnado nas pesquisas. Estamos ficando vacinados para as *fake news*?

MD: Nos últimos quatro anos, as instituições brasileiras e parcelas importantes da sociedade reconheceram a existência da desinformação. Isso faz com que o problema esteja iluminado. Em 2018, ele estava escondido. A gente falava sobre isso e era uma caixa vazia, não encontrava eco. Colocar luz no problema sempre é um dos caminhos mais eficazes para enfrentá-lo. Segundo, tivemos um conjunto de medidas que impactaram em certa escala no sistema de produção e distribuição da desinformação

no Brasil. Algumas pessoas foram detidas. É uma quadrilha financiada para essa finalidade. Uma parte dela, digamos assim, está sendo vigiada, acompanhada mais de perto. De outro lado, acho que temos instituições e partidos mais atentos.

CC: Caso Bolsonaro seja mesmo derrotado no próximo domingo, como apontam algumas pesquisas, seus apoiadores aceitarão o resultado? Qual será o futuro do bolsonarismo?

MD: A violência faz parte do bolsonarismo, é algo intrínseco. Desde o seu início, está no seu DNA, o centro da sua identidade é o ódio. O ódio ao PT, à esquerda, às mulheres, aos negros e negras, aos LGBTs, aos indígenas, o ódio ao Brasil travestido de um falso nacionalismo. O bolsonarismo é violento e não mudará o seu comportamento com a nossa vitória. Ele manterá o padrão. Fisicamente, minha filha apanhou pela primeira vez de um bolsonarista. Como que vou imaginar que esse pensamento vai ficar dócil depois do resultado da eleição? Não vai. Temos de estar preparados para essa tentativa de desestabilização social, porque eles funcionam a partir da ativação de lobos solitários e, assim, eles nunca assumem a responsabilidade pelos ataques, até por ser uma contribuição indireta. Mas o discurso de ódio sempre traz consequências reais, não fica no plano da imaginação. Eles serão uma força de oposição relevante, diferente das que lidamos no passado. Será uma oposição na ofensiva. É uma direita forjada na rua, algo incomum para o Brasil. É preciso devolver ao Brasil a ideia de que existem regras no jogo. Nós defendemos o direito de os bolsonaristas serem oposição até as últimas consequências, porque defendemos a democracia. Só que eles devem fazer oposição no marco da Constituição Federal. Ponto.

CC: Como evitar um retorno da extrema-direita ao poder?

MD: São várias questões. Uma é com a luta social em torno da consciência do povo. Somos um país forjado em quase quatro séculos de escravidão, que não debateu a

"TENHO A CONVICÇÃO DE QUE O GOVERNO LULA SERÁ DE DISPUTA DE PROJETOS E NÓS, DA ESQUERDA, TEMOS DE ESTAR PRONTOS"

ditadura abertamente com a sociedade. O Brasil precisa, primeiro, se perceber enquanto nação e reconhecer seu processo de construção histórica para poder ser um país de verdade, o grande sonho realizado. O país é sempre essa espécie de sonho a se realizar. Precisaremos construir um governo à altura das expectativas da sociedade, ou seja, o governo que aponte caminhos de enfrentamento a essa desigualdade que estrutura as relações sociais. Precisamos enfrentar os problemas concretos e ao mesmo tempo apontar esperança no tratamento do racismo, no tema da sustentabilidade, no enfrentamento à fome, à miséria, assegurando trabalho, renda e dignidade a quem trabalha.

CC: Como a senhora avalia o avanço da extrema-direita na Europa e o risco dessa expansão para o resto do mundo?

MD: O mundo vive uma grande crise, que é econômica, social, ambiental, humanitária. Vivemos uma crise que por vezes somos incapazes de dimensionar. O mundo não é mais o mesmo de 20 anos atrás. A disputa entre EUA e China, o que significa? Esse é o papel que teremos de cumprir com o restabelecimento pleno, digamos, das condições democráticas.

CC: O que esperar de um terceiro governo Lula?

MD: Que seja melhor que os outros, conectado com o tempo presente. Gosto muito de um poema do Drummond que diz: "O tempo é minha matéria". O tempo

Lula emancipou as mulheres com o Minha Casa, Minha Vida e o Bolsa Família. Bolsonaro ameaça a sobrevivência delas com a inflação galopante

EDSON LOPES JR./CHDU E PREFEITURA DE PENEDO/GOVAL

presente, a vida presente, os homens presentes. Tem um poema do Neruda, igualmente belo, que acrescenta: "Nós, os de então, já não somos os mesmos". Lula não é o mesmo, o Brasil não é o mesmo. Espero que esse reencontro esteja à altura dos desafios do nosso povo. Tenho a convicção de que Lula está preparado para isso. O mais importante ele tem: compromisso com o povo pobre e trabalhador do Brasil. Isso fará com que Lula construa um governo à altura dos desafios, que são realmente muito grandes.

CC: Faz sentido Lula insistir numa política conciliatória?

MD: A gente precisa entender o tamanho do buraco em que se meteu. Bolsonaro tem mais de 30 pontos em qualquer pesquisa. A política é feita a partir da análise da realidade concreta. E a realidade concreta que vivo é a de um país governado por Bolsonaro e no qual minha filha é ameaçada de morte e de estupro. E ela não é a única, não brilha no escuro. Pessoas foram mortas por usarem adesivos. Não fazemos alianças só com quem desejamos. Lula faz esforço para preservar a democracia, porque o buraco que a gente está metida é esse. Governar é outro desafio. Tenho a convicção de que será um governo de disputa de projetos, e nós, da esquerda, temos de estar prontos. Precisamos acumular força social para que reformas mais profundas sejam feitas.

CC: A agenda dos direitos humanos, do meio ambiente e da inclusão social terá espaço em um governo composto de tantas forças conservadoras?

MD: Lula foi presidente duas vezes e foi um homem muito comprometido com os direitos humanos. Basta lembrar que foi ele quem garantiu duas políticas que emanciparam milhares de brasileiras: o Minha Casa Minha Vida, com a chave da casa na mão da mulher, e o Bolsa Família, com o cartão na mão da mulher. Independência econômica e teto. O Congresso terá um peso nisso. Nós tivemos uma bancada amplamente minoritária, mas ainda assim garantimos o auxílio emergencial. O ambiente do governo Lula é democrático, vamos ter conferências, voltar a ter participação popular. Estou pronta para as disputas que tivermos de fazer nesse ambiente democrático.

CC: Como Lula deve lidar com o Centrão no Congresso?

MD: Nas eleições municipais, tivemos a grata surpresa de uma renovação com muita qualidade na esquerda, com a eleição de muitas mulheres, negros e negras vinculados à periferia, às lutas sociais. Minha expectativa é de que tenhamos uma bancada mais numerosa, puxada pela força da nossa coligação, com mais mulheres, jovens, trabalhadores das periferias, negros e negras, indígenas. A relação tem de ser feita programaticamente. Quais são as mudanças que queremos promover no Brasil? A partir disso é pactuar politicamente, como já fizemos. As políticas que saudamos passaram por um Congresso que também era conservador.

CC: E qual será o papel de Manuela D'Ávila no governo Lula?

MD: Não tenho papel, não tenho essa expectativa. Sou uma militante social e política. Quando decidi não concorrer, as pessoas me perguntaram se eu estava saindo da política, por ter decidido trabalhar, fazer um doutorado, tocar a minha vida profissional numa outra esfera, que não a parlamentar. Eu sou militante antes de ter mandatos e continuei militante depois de tê-los. Decidi muito jovem, aos 17 anos, que a minha vida só tem sentido coletivamente. Como diz a frase de um filme, "a felicidade só é real quando ela é compartilhada". E aqui a felicidade tem um sentido político, não um sentido individual, mas de que a gente é feliz quando tem comida, quando o filho está seguro, quando a filha está na creche, quando tem trabalho, quando não falta consulta no SUS. A felicidade é palpável por direitos políticos e sociais. •

Virtude e maldição

UMA COMPARAÇÃO ECONÔMICA ENTRE OS ANOS LULA E O GOVERNO BOLSONARO

por GUIDO MANTEGA*

Quando os historiadores se debruçarem sobre o legado deixado pelo governo Bolsonaro, ficarão perplexos com a capacidade de destruição do Estado desenvolvimentista realizada em tão pouco tempo pela turma que se apoderou do Palácio do Planalto. É indiscutível que o capitão de milícias vai deixar uma herança maldita para o próximo governo, em contraste com o legado do governo Lula (2003 a 2010), que colocou o Brasil nos trilhos do desenvolvimento econômico e social.

O governo Bolsonaro atropelou a Carta Magna para reduzir a ação do Estado na esfera econômica e social. O teto de gastos colocou uma camisa de força nos investimentos públicos e nos gastos sociais, enfraquecendo o crescimento e reduzindo o mercado de consumo. O neoliberalismo foi incapaz de promover o desenvolvimento e atender às necessidades básicas da população brasileira. Pelo contrário, foram três anos e meio de estagnação que geraram alto desemprego, aumento da pobreza e recolocaram o Brasil no Mapa da Fome (FAO-ONU). Cerca de 80% da população brasileira está endividada e 67 milhões de cidadãos constam da lista de inadimplentes do Serasa.

A falta de dinamismo da economia vai resultar num crescimento acumulado do PIB de apenas 4%, entre 2019 e 2022, caso haja uma expansão de 2,3% neste ano, equivalente a um crescimento médio anual de apenas 1%. Em contrapartida, o crescimento acumulado nos oito anos de governo Lula foi de 37,5%, média anual de 4%, ou seja, quatro vezes maior do que a expansão do produto interno durante o mandato de Bolsonaro.

O presidente Lula encerrou seu segundo mandato, em 2010, com o PIB a crescer a 7,5% e o mercado de trabalho a experimentar o pleno emprego. O Brasil havia acumulado 277 bilhões de dólares em reservas. Deixara a condição de devedor externo e passara àquela de credor externo líquido. Foi assim que o País galgou à posição de sétimo maior PIB do mundo, na condição de potência emergente. Lula saiu aclamado por 87% da população, que o considerava ótimo e bom, segundo pesquisa Ibope.

Bolsonaro vai deixar o PIB brasileiro de 2022 com um crescimento de 2,3% e desemprego em torno de 9%. Um país enfraquecido e desmoralizado, na posição de 13º PIB do mundo. A avaliação do presidente Bolsonaro neste setembro oscilava entre 30% e 35% de ótimo e bom, com um nível de rejeição acima de 50%.

CRESCIMENTO DO PIB
Em %

	Período	Acumulado	Média anual
Lula	2003 a 2010	37,5%	4,0%
Bolsonaro	2019 a 2022*	4,0%	1,0%

* Crescimento previsto para 2022 de 2,3%

Guedes vive no mundo de conto de fadas, onde não há famintos, desempregados ou desalentados e onde o Brasil "está bombando"

MARCOS OLIVEIRA/AG.SENADO E FÁBIO TEIXEIRA/ANADOLU AGENCY/AFP

Este é o resultado de uma política econômica desastrada, praticada nos últimos quatro anos sob o comando de Paulo Guedes, que inibiu o desenvolvimento econômico e social do País. Não se deixe enganar pelo voo de galinha do primeiro semestre, turbinado por medidas eleitoreiras de curta duração, que perderão fôlego nos últimos seis meses. Além disso, a atividade econômica do segundo semestre e do próximo ano será sufocada por uma taxa básica de juros que gravita em torno de 13,75%, a mais alta do planeta, em termos reais. E pelo agravamento do cenário internacional, que caminha para uma forte desaceleração.

A CONSTITUIÇÃO FOI ATROPELADA PARA SE REDUZIR A AÇÃO DO ESTADO NA ESFERA ECONÔMICA E SOCIAL

Os aliados de Bolsonaro argumentam que foi a crise da Covid-19 que prejudicou o crescimento nesse período. Os EUA, a Europa e a Ásia se saíram, porém, bem melhor do que o Brasil, devido às respectivas políticas de estímulo fiscal e monetário. Além disso, em 2008 e 2009, no segundo mandato de Lula, houve uma crise financeira mundial tão ou mais grave do que a provocada pela pandemia. Nem por isso o País deixou de crescer, graças à ação do Estado com a política econômica de estímulos à economia. O crescimento médio do PIB entre 2007 e 2010 foi

DÍVIDA PÚBLICA BRUTA E DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO

Em % do PIB

No último ano de governo

	2007	2008	2009	2010	Média
Lula II	6,1%	5,1%	-0,1%	7,5%	**4,65%**
	2019	**2020**	**2021**	**2022***	**Média**
Bolsonaro	1,2%	-3,9%	4,6%	2,3%	**1,0%**

* Projeção para 2022

EMPREGO FORMAL

Em milhões de trabalhadores

Governo	Período	Empregos	Média anual
Lula	2003 a 2010	15,5	1,93
Bolsonaro	2019 a 2022*	4,6	1,31

* Até junho de 2022

de 4,65% ao ano, mais de quatro vezes o crescimento médio anual de 2019 a 2022.

A crise da Covid-19 foi tão mal administrada pelo governo Bolsonaro que promoveu a morte de quase 700 mil cidadãos. Foi assim que o Brasil ocupou o lugar de segundo país com o maior número de mortes, atrás apenas dos Estados Unidos, e foi o primeiro colocado no rol de mortes por habitante. Uma das consequências nefastas da pandemia e da guerra na Ucrânia foi o aumento da inflação em escala mundial, que no Brasil foi potencializada pela elevação irresponsável das tarifas de combustíveis e pela excessiva desvalorização do real permitida pelo Banco Central.

Emprego formal

O governo Bolsonaro gerou 4,6 milhões de empregos formais de janeiro de 2019 a junho de 2022, equivalentes a 1,3 milhão de empregos por ano. Em contrapartida, o governo Lula gerou 15,5 milhões de empregos formais entre 2003 a 2010, o equivalente a 1,93 milhão de empregos por ano. Vale dizer que o governo Lula gerou mais empregos do que os 14,2 milhões gerados na soma dos governos Sarney, Collor, Itamar, FHC, Temer e Bolsonaro.

Sob Bolsonaro, o Brasil foi o segundo país com mais mortes por Covid-19. O BC de Campos Neto administra a maior taxa real de juros

TAXA DE DESEMPREGO
Em % da PEA

	Período	Média anual	Último ano
Lula	2003 2010	8,0%	5,3%
Dilma	2011 2015	6,6%	8,9%
Bolsonaro	2019 2022	11,4%	9,1%*

Desemprego alto

O governo Bolsonaro manteve um desemprego médio anual de 11,4% entre 2019 e 2022 (junho), enquanto nos oito anos do governo Lula, o desemprego médio anual foi de 8%, e nos cinco anos de governo Dilma, de 6,6%. Nos 13 anos dos governos Lula e Dilma, o salário mínimo teve aumento real de 73,5% e a renda média de todos os brasileiros subiu cerca de 45,6%. Mas a renda dos 60% da população mais pobre cresceu acima de 70%, reduzindo a desigualdade do País.

No período Bolsonaro, a renda da população mais pobre e os salários em geral têm perdido a corrida para a inflação. Bolsonaro desmontou vários programas sociais e reduziu drasticamente a transferência de renda do Estado para os segmentos mais pobres da população.

Baixo nível de investimento

Uma das razões para as altas taxas de crescimento do governo Lula foi o aumento dos investimentos públicos e privados, com o PAC I e II e o programa habitacional Minha Casa Minha Vida (MCMV). Em 2010, a taxa de investimento passava de 20% do PIB e permaneceu

nesse patamar até 2014. Havia também um amplo programa de estímulo às inovações e ao aumento da produtividade.

Entre 2019 e 2021, a taxa média de investimento foi de 17,1%, insuficiente para dinamizar a economia. Houve também cortes expressivos nas dotações para ciência e tecnologia. O investimento público em infraestrutura, um dos carros-chefes do crescimento nos governos Lula e Dilma, caiu de 73,2 bilhões, em 2010, para 29 bilhões de reais em 2021.

Estatais

Durante o governo Lula, os bancos públicos e as empresas estatais, como Petrobras e Eletrobras, trabalhavam para aumentar o crédito e o investimento da economia, principalmente em momentos de crise, como no pós-2008. No governo Bolsonaro, as empresas estatais foram privatizadas ou submetidas à gestão privada e trabalharam contra o interesse público, para render polpudos dividendos aos acionistas.

Contas públicas

A estratégia econômica bolsonarista resultou na deterioração das contas públicas e no aumento do endividamento do Estado. Foram anos seguidos de déficits primários e altos déficits nominais, que resultaram no aumento da dívida líquida, de 38% do PIB em 2010 para 61% previstos em 2022. Ao contrário do governo Lula, que gerou superávits primários em todos os oito anos de gestão, reduzindo a dívida pública líquida de 60% do PIB em 2002 para 38% do PIB em 2010.

A rigor, o ministro Paulo Guedes atropelou o teto de gastos e fez o que bem entendeu com as contas públicas, melhorando a situação fiscal de 2022 graças ao imposto inflacionário e à pedalada de precatórios e de outras despesas para 2023.

Orçamento-bomba

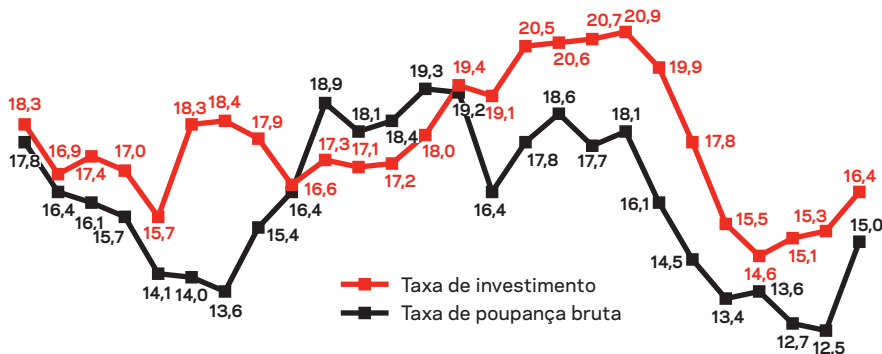
O próximo governo vai herdar um orçamento para 2023 sem recursos suficientes para o pagamento das despesas obrigatórias do governo federal, com um buraco de cerca 400 bilhões de reais entre novos gastos e desonerações tributárias. Para acomodar as emendas, que chegam no próximo ano a 38,5 bilhões de reais, o governo praticamente zerou o investimento público e reduziu os recursos de programas sociais importantes, tais como Farmácia Popular, Violência Contra a Mulher e recursos para creches.

Em resumo, este é o terrível espólio que o governo Bolsonaro vai nos deixar em 1º de janeiro de 2023. Um quadro dantesco que vai garantir que o capitão reformado figure no panteão dos piores governantes que o Brasil teve. •

**Foi ministro do Planejamento, presidente do BNDES e ministro da Fazenda dos governos Lula e Dilma. É professor da FGV-SP.*

BRUNO KELLY/AMAZÔNIA REAL E MARCELO CAMARGO/ABR

TAXA DE INVESTIMENTO E TAXA DE POUPANÇA BRUTA

Em % do PIB

Fonte: IBGE Contas Nacionais – Indicadores de Volume e Valores Correntes

DÍVIDA PÚBLICA BRUTA E DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO

Em % do PI

No último ano de governo

	FHC 2002	Lula 2010	Dilma 2015	Bolsonaro 2022*
Dívida bruta	58,0%	55,8%	65,5%	78,2%
Dívida líquida	60,0%	38,0%	35,6%	61,1%

* 2022 estimativa do mercado

INVESTIMENTO PÚBLICO E PRIVADO EM INFRAESTRUTURA

Em bilhões constantes de 2021

	Público	Privado	Total	% do PIB
2010	73,2	94,7	167,8	2,25
2014	82,0	125,5	207,5	2,38
2015	58,0	116,2	174,2	2,13
2021	29,0	119,2	148,2	1,71

Fonte: Abdib. Não incluiu petróleo e gás

A ciência como norte

O BRASIL PRECISA DE UMA AGENDA DE APOIO À PESQUISA E AO DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL

por RICARDO GALVÃO*

Faltam agora poucas horas para a eleição que vai definir os novos rumos do País em 2023. Se tudo seguir como apontam as pesquisas, teremos uma fundamental mudança de governo e colocaremos fim ao negacionismo presente nos últimos quatro anos.

Foram inúmeras as ações em detrimento da ciência levadas a cabo pelo governo Bolsonaro, que reduziu verbas e comprometeu o trabalho de pesquisadores e cientistas em todo o País. A mais recente dessas atrocidades foi a Medida Provisória nº 1136/22, que limitou o acesso aos recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico até 2026. Isso mesmo após a Câmara e o Senado aprovarem uma lei no ano passado proibindo o contingenciamento das verbas desse fundo. Atitude que não surpreende, mas não podemos deixar de nos indignar e lamentar mais esse absurdo.

De todo modo, sabemos que os desafios serão imensos. Para o próximo ano será preciso construir uma agenda verdadeiramente baseada na ciência e na pesquisa que vá muito além da simples troca dos achismos e crenças que prevaleceram neste triste e inconsequente governo Bolsonaro. É fato que qualquer mudança deverá ser para melhor, mas isso não é garantia de que haverá um olhar que efetivamente contemple a adoção de políticas públicas fundamentais para tirar o Brasil de um atraso que vem de muito tempo.

> **AÇÕES E PROJETOS EXECUTADOS SEM O DEVIDO PLANEJAMENTO PODEM SER ATÉ MAIS DANOSOS DO QUE UM DETERMINADO PROBLEMA INICIAL**

O que tenho visto ao longo da minha vida profissional e acadêmica é que os indivíduos parecem muito mais inclinados a resistir aos fatos, o que fatalmente vai impedir que seja feito um esforço conjunto capaz de mudar a realidade. Nesse sentido, o Poder Executivo, juntamente com o Congresso, precisará atuar para construir uma agenda científica e industrial para o País. Para isso, também será necessário, além de parlamentares preparados, estabelecer canais de diálogo com as áreas acadêmica e científica fornecedoras das informações vitais para o estabelecimento dessas políticas. Será preciso eleger deputados e deputadas federais e senadores e senadoras comprometidos com o desenvolvimento, e não políticos com visão limítrofe e de base puramente cartorial capazes de atender apenas a interesses menores e localizados, sem uma compreensão do todo.

Basta ver a atual composição da Câmara e do Senado. Quantos desses parlamentares, homens ou mulheres, conseguem entender efetivamente a dimensão do cargo que ocupam? Sem essa compreensão, a tarefa de debater o interesse maior de brasileiros e brasileiras torna-se algo muito difícil ou, arrisco dizer, praticamente impossível. O que em geral tem ocorrido é que os nossos grandes projetos não passam por discussões aprofundadas, o que torna perigoso tomar decisões importantes de maneira rasa e, consequentemente, sem uma correta avaliação quanto aos seus resultados, que podem acarretar enormes prejuízos para a sociedade brasileira.

Podemos citar, entre outros, o açodamento na corrida para solucionar problemas como crises hídricas e energéticas. Muitas decisões tomadas nos últimos anos buscaram resolver pontualmente o problema sem levar em conta os prejuízos financeiros e ambientais causados a longo prazo. Nesse sentido, é sempre bom lembrar o acirramento dos fenômenos

TOMAZ SILVA/ABR

climáticos extremos que têm aumentado em proporção dramática. Exemplos não faltam, como secas extremas e inundações cada vez mais frequentes, que, além de destruir patrimônios e a economia de inúmeras cidades do Sul ao Norte, ainda têm ceifado vidas e causado muita dor a famílias inteiras, como se não bastasse toda a nefasta herança deixada pela pior crise da saúde dos últimos cem anos, em razão da pandemia do Coronavírus.

Tudo isso nos leva à reflexão de que ações e projetos executados sem o devido planejamento podem ser até mais danosos do que um determinado problema inicial que se tentou resolver. Agir sempre com visão de curto prazo, buscando de maneira atribulada soluções pontuais e imediatistas, na maioria das vezes pode resultar no acirramento das questões que se tentou consertar. Em seu lugar devem ser contempladas Políticas Públicas com Pês maiúsculos, bem sedimentadas, discutidas e que tenham como norte essencial o bem comum e sejam justas, inclusivas e sustentáveis.

Portanto, um maior protagonismo da ciência e dos cientistas na elaboração dos planos para a construção do futuro é muito desejado e urgente. É por meio da ciência e da pesquisa, ou seja, do conhecimento aprofundado, que teremos condições de encontrar as respostas para os problemas mais importantes do País, tanto aqueles ambientais que destacamos aqui, mas também em tudo que interesse à sociedade brasileira, sem amarras ideológicas ou de origem em achismos, crenças e informações falsas ou distorcidas.

Ao mesmo tempo, é importante que nós, que temos nos dedicado à atividade de pesquisa e à ciência, sejamos capazes de nos comunicar melhor com a sociedade, explicando de um modo compreensível os métodos científicos utilizados e seus objetivos. Reside exatamente dessa compreensão o fundamental apoio dos cidadãos para o sucesso das ações baseadas na ciência, reduzindo assim resistências e ampliando as possibilidades de sucesso.

Desejo que esse *modus operandi* prevaleça em 2023 e que a informação de qualidade, os dados e a ciência estejam acima das ideologias retrógradas que tanto mal têm feito ao Brasil nesses últimos tempos. •

**Ricardo Galvão é cientista, ex-diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e candidato a deputado federal pela Rede em São Paulo.*

Crédito virtual, ganho real

TECNOLOGIA Transformar ativos em frações digitais é uma maneira de simplificar, baratear e democratizar os investimentos

POR WILLIAM SALASAR

De toneladas de créditos de carbono ao patrocínio de escolas de inglês para alunos pobres, cabe tudo nos ativos financeiros *tokenizados* que começam a ser cada vez mais usados para substituir os instrumentos tradicionais, como debêntures, certificados de depósitos ou letras imobiliárias. "Operações mais tradicionais são muito custosas, a operação com *token* é muito mais simples e mais barata. Então, via *tokenização*, é possível fazer operações inviáveis por meio de outros instrumentos. Viabiliza mais emissões e também facilita a vida do investidor", explica João Paulo Pacífico, CEO da securitizadora Gaia.

A Gaia acaba de encerrar o Token de Impacto – Raiar, produtora de ovos orgânicos abastecida por 60 agricultores familiares. Foram colocados 54,4 mil *tokens*, num total de 1,36 milhão de reais, a 25 reais cada um. Os 61 investidores receberam de volta, há cerca de um mês, o montante integral, mais 8% ao ano. Agora, a securitizadora oferece, também a 25 reais, o *token* da 4YOU2, escola de inglês inclusiva, com professores estrangeiros e voltada alunos das periferias.

Token é uma fração digital de qualquer ativo que tenha valor, o qual, ao ser comprado, confere ao titular direitos específicos sobre esse ativo, cujas características são criptografadas e registradas no *blockchain* (o livro caixa virtual conhecido por abrigar o bitcoin e outras criptomoedas). Além de conferir segurança aos *tokens*, o registro no *blockchain* possibilita sua negociação e liquidez a qualquer hora e dia, em qualquer parte do mundo. "Sem a existência da *blockchain* certamente o investimento seria validado por meio de documentos em papel ou mesmo por meio digital, mas com alguma burocracia", diz Arthur Farache, CEO da Hurst Capital, plataforma de investimentos em ativos reais. "Com a tecnologia *blockchain*, essa validação é automática, uma vez que o *token* tem estrutura para inserção dos chamados *smart contracts*, nada mais que um código programado para se autoexecutar conforme determinadas regras. Ele permite que comprador e vendedor realizem uma transação diretamente, sem intermediários", explica Farache. Dessa forma, afirma, qualquer tipo de ativo pode ser *tokenizado*, de precatórios a *royalties* musicais, além de obras de arte, tanto físicas quanto digitais, ativos empresariais e imobiliários.

> A *tokenização* facilita o acesso de pequenas empresas e *startups* ao crédito

No caso da 4YOU2, cédulas de crédito bancário dos franqueados da escola de inglês servem de lastro da aplicação e rendem 11% ao ano, com amortizações mensais, ou seja, no decorrer do projeto o investidor recebe o valor investido acrescido da remuneração, conforme o cronograma. O dinheiro aplicado servirá para financiar as franquias de impacto e desenvolver o empreendedorismo social. O retorno financeiro será pago pelos franqueados por meio da receita com mensalidades. Da mesma forma, cada tonelada de carbono gerada por 106 mil hectares de vegetação nos estados do Amazonas, Mato Grosso, Pará e Rondônia dá origem a um Token de Preservação Greener (TPG), fruto da parceria entre a *startup* britânica-brasileira DaX Green – que processa a *tokenização* – e a Reag Investimentos, uma das maiores gestoras independentes do País, que oferece o *token* de crédito de carbono a empresas interessadas em compensar suas emissões de gases de efeito estufa. Esse primeiro lote de *tokens* da DaX Green é lastreado em ativos de carbono do estoque da Golden Green S.A., originados na conservação de cerca de 390 mil hectares de florestas na-

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 42

Capital S/A. O Porto Pecém quer virar um *hub* de produção de hidrogênio verde

ISTOCKPHOTO

tivas localizadas no bioma amazônico daqueles estados. Detalhe, 216 produtores privados conservam as florestas.

O presidente do conselho da DaX Green, Felipe Russowsky, destaca que uma das questões mais relevantes nesse mercado é a rastreabilidade do ativo: "É garantir que as toneladas de carbono disponibilizadas no mercado, que é este ativo aqui, não são vendidas a um terceiro, que também vai usar e resultar numa dupla contagem, o que, sobretudo pelo aspecto moral, está errado. Daí tratamos de criar uma plataforma de registro em que cada tonelada imputada nesta plataforma é individualizada mediante um código. O que queremos é fomentar esse mercado, a aquisição desses ativos para compensação das suas pegadas". A expectativa é o TPG contribuir para a conservação de 34 milhões de metros cúbicos de floresta e a circulação de 74,2 milhões de toneladas de ativos de carbono verde, resultantes do processo de preservação ambiental.

Para o presidente da Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras (Fipecafi), Edgard Cornachione, as oportunidades criadas pela nova tecnologia deveriam constituir uma política de governo, na medida em que a *tokenização* pode contribuir para dar escala aos proprietários de florestas no mercado internacional. "Essa tecnologia tem o atributo de democratizar o investimento para quem quer aplicar dinheiro na operação, como uma oportunidade enorme aos que detêm o ativo e procuram viabilizar sua captação."

Cornachione vislumbra, entretanto, dois desafios ao avanço da *tokenização*. O primeiro é a regulação. "Não há regulação alguma, nem aqui nem no mundo. A gente vê a Comissão de Valores Mobiliários se movimentando nesse sentido, em relação às plataformas, o *blockchain*. Mas é preciso ponderar, porque, de um lado, ela traz conforto, principalmente para o investidor de varejo, e, de outro, ela pode inibir as operações." O outro desafio é a escassez de capital humano para dar conta do desenvolvimento galopante dessa tecnologia. "Do ponto de vista de desenvolvimento, estamos muito carentes de mão de obra qualificada. O hiato entre a demanda de mercado e a oferta de programadores para essas plataformas de *blockchain*, *smart contracts* é tão grande que os salários nos Estados Unidos para esses profissionais chegam a 350 mil, 500 mil dólares por ano. Mostra que isso vem com muita força, uma velocidade absurda, e não é mero modismo." •

“

O TETO DE GASTOS INVIABILIZA O CRESCIMENTO DO PAÍS

”

ANDRÉ LARA RESENDE, economista

A aposta cearense no hidrogênio verde

▶ O Porto de Pecém investe alto para se tornar polo mundial de produção e exportação da *commodity*

O Complexo Industrial e Portuário do Pecém, segundo maior porto do Nordeste, acaba de firmar um pré-contrato com a AES Brasil para iniciar estudos de viabilidade da produção de até 2 gigawatts de hidrogênio a partir da eletrólise e de até 800 mil toneladas de amônia verde por ano. É mais uma etapa do plano de tornar o Ceará um grande *player* no mercado de hidrogênio verde, que acumula dois pré-contratos e 20 memorandos com o governo estadual e empresas como AES Brasil, Fortescue Future Industries, Linde, Qair, TransHydrogen Aliance, Eren do Brasil, Casa dos Ventos, Engie, EDP Renováveis e White Martins. Os projetos somam 8 gigawatts em capacidade de eletrólise para produzir 1,3 milhão de toneladas de hidrogênio verde por ano, boa parte para exportação. A União Europeia fixou a meta de 20 milhões de toneladas de hidrogênio no consumo de energia, no plano REPowerEU, metade importada. Duna Uribe, diretora-comercial do complexo, conta que, para atrair empresas e viabilizar a oferta do produto a um preço competitivo, o porto fornecerá infraestrutura, serviços e condições na Zona de Processamento de Exportação (ZPE). “É importante dizer que não estamos olhando apenas para a exportação de uma *commodity*, mas para toda a cadeia de valor”, disse Uribe em evento do Fórum Brasil-Reino Unido.

NEGO JUNIOR/INSTITUTO PRÓ-SABER SP, ANTONIO SCARPINETTI/UNICAMP E CELSO TOMAZ/PECÉM/GOVCE

CULTURA EM PARAISÓPOLIS

O Pró-Saber SP, que leva leitura a crianças e jovens, abriu um brechó na comunidade de Paraisópolis, com peças de segunda mão de marcas variadas a menos de 20 reais, doadas por empresas e parceiros. O valor das vendas financia a biblioteca infantojuvenil da comunidade. "Poderíamos fazer o bazar num bairro de classe média alta e cobrar caro para ter mais caixa, mas queremos que a própria comunidade ajude a financiar o que fazemos aqui e, de quebra, tenha acesso a produtos de alta qualidade. É uma forma de a economia circular pensada para esse território", diz a fundadora Maria Cecília Lins.

Nova Bolsa?

A SL Tools, desenvolvedora de tecnologia para negociações eletrônicas de valores imobiliários e ativos financeiros, está prestes a se tornar a primeira instituição no País a negociar ações desde que a Bolsa do Rio de Janeiro foi absorvida pela BMF, em 2002. A SL Tools opera uma plataforma eletrônica de aluguel de ações entre gestoras e corretoras, em tempo real, e aguarda para este mês de outubro a licença de Mercado de Balcão Organizado para negociação de valores mobiliários de renda fixa e grandes lotes de ações, com tecnologia proprietária que confere ganhos de escala na negociação e processos eletrônicos pós-negociação.

Metamorfose

Os sócios do Grupo Gaia, que emitiu papéis de cooperativas do Movimento dos Sem Terra em 2021, anunciaram a doação do negócio a uma ONG com a mesma marca, passando de donos a funcionários. "Ter dinheiro não é ruim, ele é importante. O que acontece é que à custa da ganância de alguns, outros acabam ficando sem", justifica o fundador, João Paulo Pacífico. "Não sou comunista, mas acredito que o capitalismo predatório não dá certo." A ideia, garante, foi amadurecida bem antes de o dono da marca de roupas esportivas Patagonia anunciar iniciativa similar há duas semanas.

Inseguro

Corre na 6ª Vara Empresarial do Rio de Janeiro uma Ação Civil Pública contra o Instituto de Resseguros do Brasil por alegada fraude na administração que teria levado as ações do IRB a cair de 34,37 reais, no início do ano, para 1,180 há duas semanas. "Muito embora oscilações de preços sejam naturais e esperadas, sendo o mercado de Bolsa volátil e de risco, o que se verificou no caso da IRB foi o derretimento do preço por práticas ilegais e dolosas de contabilidade, ausência de transparência, de boa-fé e de governança corporativa, com o fim de lesar milhares de investidores", diz a ação do Instituto Brasileiro de Cidadania.

NÚMEROS

2,8 bilhões

de dólares a Petrobras anunciou que vai investir para reduzir emissões de carbono

7,2%

é a taxa de crescimento do Vietnã neste ano, projetada pelo Banco Mundial

2,01 bilhões

de dólares é o total de multas aplicadas a bancos de Wall Street por falha no controle da comunicação com clientes pelo WhatsApp

Premier de saias

ITÁLIA Giorgia Meloni vence as eleições, conta com uma bancada parlamentar respeitável e pretende governar por todo tempo possível

Com a vitória de Giorgia Meloni e do seu partido Fratelli d'Italia (Irmãos da Itália), a península não corre o risco de um retorno ao fascismo, como na Europa muitos temem. Os militantes da agremiação erguem o braço direito no melhor estilo mussoliniano, mas, de verdade, o gesto não vai além da mesura. Na sua estreia como vencedora do pleito, Meloni pronunciou um discurso europeísta, como não faria o famigerado ditador, o qual, segundo se verificou recentemente, era também um perigoso maníaco sexual, capaz, inclusive, de estuprar senhoras que o visitavam no seu imenso escritório do Palácio Veneza.

A agremiação de Meloni subiu nestas eleições de 8% a 26% e conseguiu no Parlamento maioria que lhe permite uma razoável liberdade de ação. Tudo indica que ela pretenderá governar como *premier*, sem veleidades exageradas tais como a tentativa de alterar a Constituição. A vitória de Meloni tem razões que vão desde a própria história de um país tradicionalmente invadido por exércitos estrangeiros para viver um longo período depois da queda do Império Romano, em uma situação similar àquela da Grécia antes de Cristo, com a criação de cidades-Estado a se revelarem propícias ao desenvolvimento da arte e da cultura em geral, incapazes, contudo, de formar uma nação.

Com exceção de toda a região meridional, a incluir a Sicília, sede de um reino antes francês e depois espanhol, destinados ambos a promover o atraso progressivo de toda a área, reconquistada somente por Garibaldi e seus Camisas-Vermelhas, desembarcados nas costas tirrênicas da ilha em 1860. Logo o chamado Herói de Dois Mundos entregou seu butim bélico ao rei da Itália, Vitor Emanuel II, da família Savoia.

Seu pecado foi o governo de unidade nacional

A Itália como país é recente e a unificação só foi concluída com as conquistas conseguidas na Primeira Guerra Mundial, com a anexação de Trento e Trieste, que integravam o império austro-húngaro. Até hoje subsistem profundas diferenças entre as cidades e os vales próximos, no modo de vida e até na culinária. Giorgia Meloni, por sua vez, tem origem popular. Nascida no bairro romano da Garbatella, conserva ao falar o sotaque romanesco, sem omitir erros de sintaxe, permitindo-se, contudo, frequentar lugares da moda e misturar-se, às vezes, com jovens da vasta nobreza papal, convocados para carregar a Cadeira Gestatória que conduz o pontífice na volta de praxe da Praça São Pedro. Obviamente, papa Francisco nunca participou dessa tertúlia, preferiu o apoio dos seus pés e, às vezes, de uma bengala.

Outro papel coube às demais siglas de direita. Muito diminuídas as votações de partidos como A Liga, de Matteo Salvini, e Forza Italia, de Silvio Berlusconi, que não chegaram sequer a 6% dos sufrágios. Ambas as figuras estão em franca decadência. Da mesma forma, outra contribuição à vitória direitista foi oferecida pela esquerda, longe dos tempos de Enrico Berlinguer, e antes ainda de Palmiro Togliatti e do socialista Pietro Nenni, em condições de assinar um pacto de unidade de ação, com acesso garantido à Confederação Sindical CGIL, liderada

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 46 **The Observer.** A revolta do *hijab* se espalha pelo Irã

Ela é a direita, talvez extrema...

por notáveis do Partido Comunista, desde Giuseppe Di Vittorio a Luciano Lama.

Agora, tardiamente, a esquerda promete uma reforma profunda. Estranho no contexto o papel de Mario Draghi, o Super Mario, que bem conduziu o governo até ontem sem se poupar do pecado de formar um gabinete de unidade nacional, no qual caberia até Salvini como ministro do Interior. Sobrava para Meloni o Ministério do Esporte, quando ela cogitava de algo muito mais substancioso. Foi claramente eficaz com sua ação ao lograr constituir uma bancada conspícua no Parlamento, a acentuar a decadência dos rivais de extrema-direita. Não parecem sobrar dúvidas quanto à sua pretensão de comandar o seu governo por todo o tempo possível. Teremos, portanto, na Itália, pela primeira vez na sua história, um chefe de governo de saias. •

– Por Mino Carta

De Roma, colaborou Claudio Bernabucci.

... Salvini e Berlusconi já eram

A revolta do *hijab*

TheObserver O assassinato de uma jovem que se recusou a cobrir os cabelos deflagra onda de protestos no Irã

POR MARTIN CHULOV*

O presidente do Irã, Ebrahim Raisi, prometeu "tratar de forma decisiva" os protestos que ganharam força em grande parte do país uma semana após a morte de uma mulher detida pela polícia moral. As manifestações espalharam-se pela maioria das 31 províncias e quase todos os centros urbanos e colocam manifestantes antigoverno contra as forças do regime, incluídos militares. É o teste mais sério para a autoridade do Estado linha-dura em mais de 13 anos.

Raisi culpou os conspiradores por incitar a agitação e prometeu reprimir "aqueles que se opõem à segurança e tranquilidade do país". Cerca de 35 civis foram mortos durante confrontos com as forças de segurança, segundo o Irã. Autoridades dizem que cinco agentes também morreram na tentativa de conter a revolta pela morte de Mahsa Amini, de 22 anos. Ativistas afirmam, no entanto, que o número de mortos é de ao menos 50, e provavelmente ainda maior.

Promotor de opiniões fundamentalistas durante toda a carreira, Raisi tem sido considerado figura improvável para reprimir a inquietação nas ruas ou atender às demandas por liberdades civis. Seu desafio possivelmente aumentará a probabilidade de uma nova escalada em vilas e cidades onde os manifestantes têm enfrentado cada vez mais as forças de segurança, em cenas raramente vistas no Irã.

As manifestações evocaram imagens de um protesto em 2009, conhecido como revolução verde, que se seguiu a eleições presidenciais polêmicas e marcou a última vez na qual cidadãos enfrentaram as forças de segurança em larga escala. "A principal diferença entre o protesto atual e o movimento verde de 2009 é que agora os manifestantes reagem. Eles não têm medo do regime", compara Sima Sabet, jornalista iraniana e apresentadora da estação de tevê Iran International. "Agora queimam ambulâncias porque o governo as usa para movimentar as forças de segurança, e não para resgatar quem protesta. São táticas diferentes: eles se movem entre todas as cidades e dificultam o controle."

Segundo Firuzeh Mahmoudi, diretora-executiva da ONG de direitos humanos United for Iran, a recente agitação ocorreu após meses de preparação pelos iranianos para realizar protestos menores sobre várias questões. "Milhões protestaram em algumas cidades durante o principal dia. Foi a maior coisa desde a revolução de 1979. O governo não viu a onda e ficou muito surpreso. Agora vemos não apenas as grandes cidades, mas municípios menores que nunca notamos antes. Agora também observamos maneiras sem precedentes de protesto, nas mensagens e na ousadia. As coisas estão muito mais unificadas." Os *slogans* usados em manifestos, como "Vamos apoiar nossas irmãs e mulheres, vida, liberdade", foram ouvidos em todo o país, diz Mahmoudi. "Isso é inédito para nós. Nunca vimos mulheres tirarem o *hijab* em massa desse jeito".

> **As manifestações espalham-se pelas províncias e cidades pequenas, na maior crise política desde 2009**

Algumas manifestações parecem ter sido organizadas, ao menos em parte, por uma juventude urbana inquieta e outros

Os manifestantes, desta vez, enfrentam as forças de segurança

AFP

que se opõem às regras sociais rígidas, inclusive sobre como as mulheres se comportam e o que vestem. Reuniram-se em torno da morte de Amini, detida pela polícia moral em Teerã por se recusar a usar *hijab*, o lenço de cabeça. Na linha das lições aprendidas na última década em revoltas contra governos de outras partes do Oriente Médio, os *smartphones* têm sido usados como ferramentas de organização, com ampla divulgação de mensagens e locais de manifestações, apesar dos cortes generalizados da internet no país. "Eles têm táticas para enviar vídeos para fora do Irã, apesar do corte da internet", conta Sabet. "Pela primeira vez, no Irã, as mulheres queimam os *hijabs* com apoio dos homens."

Um número substancial de iranianos há muito se opõe às regras sociais inflexíveis e ao alcance das forças de segurança do Estado, que impuseram um dos regimes teocráticos mais radicais da região durante mais de quatro décadas. Ramin, 29 anos, manifestante de Urmia, no noroeste do Irã, disse: "Mesmo o corte da internet ou ameaças significativas do regime não impediram o povo de protestar. Além disso, várias celebridades iranianas, dentro e fora do país, anunciaram seu apoio aos manifestantes, incluídos atores, atrizes e atletas. Algumas celebridades femininas tiraram o *hijab*".

Enquanto os manifestantes continuarem a protestar nas ruas e desgastar as forças de segurança, vão sustentar e talvez expandir o impulso. Em ao menos uma pequena cidade, Oshnavih, no noroeste, o regime perdeu o controle efetivo e recuou para a periferia. O provedor de internet Starlink anunciou que ativará seu satélite para permitir o acesso no Irã. Outro manifestante, Haval, de 29 anos, afirmou que a repressão estatal começa a ser sentida nas ruas: "As coisas não estão indo bem, há violência, hoje há um exército na cidade com trajes civis. Eles atiram e isso dificulta para os manifestantes. Você não pode sair à noite porque é perigoso. O Irã não tem forças militares suficientes para parar todos. A polícia diz que, se essa situação continuar por mais de dois ou três dias, não será mais capaz de lidar com ela".

Centenas de iranianos expatriados se reuniram em Paris e outras cidades europeias para denunciar a repressão aos protestos pela morte de Amini depois de sua prisão pela polícia moral. Manifestantes se reuniram no centro da capital francesa a gritar *slogans* contra Ali Khamenei e também pediram ao presidente francês, Emmanuel Macron, que suspenda as negociações com o Irã. "Khamenei, saia do Irã!", "Chega de silêncio, Macron!" e "Morte à república islâmica" estavam entre as palavras de ordem gritadas pelos manifestantes em francês e persa, relata a AFP. Os expatriados expressaram fúria por Macron ter se encontrado e apertado a mão do presidente iraniano, Ebrahim Raisi, à margem da Assembleia-Geral da ONU, em Nova York, enquanto Paris busca manter vivo o acordo de 2015 sobre o programa nuclear de Teerã. Em outros protestos, mulheres iranianas em Atenas cortaram seus cabelos num gesto de solidariedade a Amini, além de brandir cartazes com os dizeres: "Diga o nome dela". No centro de Estocolmo, houve quem cortasse os cabelos, enquanto outro grupo do lado de fora do Parlamento sueco exibia fotos dos mortos. •

**Reportagem adicional de Nechirvan Mando e AFP.*

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Passo em falso

The Observer A convocação de reservistas provoca a primeira cisão entre Putin e a opinião pública do país

POR PETER POMERANTSEV*

"Vocês querem a guerra total?", Goebbels perguntou aos fiéis nazistas quando a Segunda Guerra Mundial rumou ao Sul, para a Alemanha, em 1943. Ele descreveu um Reich cercado por conspiradores cosmopolitas judeus empenhados em sua destruição e defendeu a mobilização total e a adoção de uma ideologia de glória na morte.

Vladimir Putin apresentou sua própria versão (parcial) recentemente. À medida que a guerra da Ucrânia vai para o Sul, rumo à Rússia, ele alegou que as derrotas são o resultado de conspirações cosmopolitas empenhadas em destruir a Rússia e teve de anunciar uma mobilização total (parcial). Putin invocou o senso de missão histórica dos russos e deu a entender que o país está pronto para usar armas nucleares. "Isto não é um blefe", insistiu.

Putin gosta de imitar o pior da propaganda totalitária do século XX, mas sua mensagem funciona, internamente e no exterior? Ou ele começou a cometer os mesmos erros de propaganda que incorreu no campo de batalha? A propaganda estatal russa respinga o *pathos* do martírio. Os russos devem amar a dor de provar quão durões são, sobrevivendo a tudo, desde o Gulag até o clima extremo, em comparação com o Ocidente decadente. A propaganda explora incessantemente o mito da Segunda Guerra Mundial, em que os russos são descritos como únicos entre as nações em sua disposição de se sacrificar por uma causa maior.

No aniversário dessa guerra, o Estado organiza marchas nas quais os participantes carregam cartazes com fotos de veteranos mortos, "o regimento imortal": a morte na guerra traz a imortalidade no céu da propaganda estatal. Há uma bravura suicida, uma implicação de "vamos destruir o mundo inteiro" no bordão popular. "Qual é a razão do mundo, se não há lugar para a Rússia nele?" As ameaças nucleares de Putin são rosnadas com prazer, como se invocassem sadicamente os Deuses da Destruição Total.

Tal como acontece com os nazistas, o interesse próprio racional deve ser engolido pela comunidade do Estado. Mas olhe mais de perto e a imagem fica mais complicada – e vulnerável.

O mito do martírio e da resiliência é suspeito. Os ucranianos têm uma tradição genuína de sofrimento pela causa da libertação nacional – e sucesso por meio do sacrifício. Durante séculos, poetas e rebeldes ucranianos mostraram-se prontos para suportar prisões injustas, execuções e genocídio para lutar por seus direitos nacionais e linguísticos. Muitos heróis da Ucrânia, como os poetas Taras Shevchenko e Vasyl Stus, sofreram prisões e torturas russas, e seu espírito de resiliência subjacente tem sido comprovado no campo de batalha.

> Os russos calculam o que é mais arriscado: enfrentar ou apoiar o presidente

De fato, os russos foram mortos em massa, na maioria das vezes por seu próprio Estado, mas, ao contrário dos ucranianos, não celebram seus próprios dissidentes. Estes são odiados e condenados na propaganda estatal e pelo público em geral. A verdadeira coragem é ridicularizada. Em vez disso, a opressão em massa resultou em uma sociedade que celebra o conformismo passivo. A bravura é celebrada na tela, mas como meio de compensar a forma como a sociedade é realmente intimidada. Você é esmagado pelo Estado e depois compensado com heroísmo patriótico na televisão e sadismo em relação aos mais fracos em sua própria sociedade e em outras (neste caso, a Ucrânia).

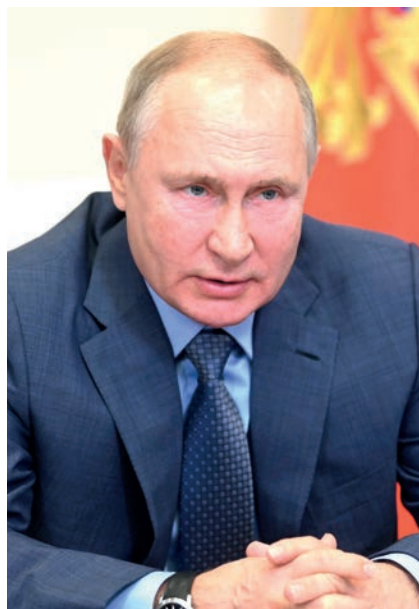
A grande diferença da propaganda nazista é que, enquanto a primeira era voltada para a ação e a mobilização, a de Putin é apontada para a desmobilização: sente-se no sofá, sinta-se forte a assistir à propaganda e deixe o Kremlin comandar as coisas. Sob a retórica do autossacrifício, a propaganda de Putin tradicionalmente permitiu o interesse próprio ou, ao menos, a autopreservação. Você vai para a guerra jorrando retórica patriótica, mas na verdade está nela porque permite saques e estupros. Você se inebria com a retórica patriótica em casa, mas na verdade seu interesse é poder seguir na corrupção, grande e pequena. O truque de Putin é revestir o interesse próprio com propaganda patriótica. Agora essas duas coisas se dividiram. Ir pa-

ra a frente significa apenas morte inútil.

Agora está claro que a mobilização "parcial" não é parcial. Os cidadãos são agarrados nas ruas e despachados para a guerra. Nas redes sociais, o sentimento em relação à mobilização é altamente negativo. Nas pesquisas, até os russos mais favoráveis a Putin são contra. A guerra na Ucrânia deveria ser um filme, não um sacrifício pessoal.

A ameaça de guerra nuclear de Putin também pode sair pela culatra. O objetivo é intimidar o Ocidente e a Ucrânia, mas pode perturbar ainda mais seu próprio povo. Se há uma coisa que os russos temem mais do que Putin é a guerra nuclear – e agora é ele quem a traz para perto. Tanto para a elite quanto para os russos "comuns" com quem falei recentemente, o cálculo é sobre se o risco de ir contra Putin é maior do que o risco de ficar com ele. Até agora, rebelar-se parecia

Limites. Os russos não ficaram nada contentes com a convocação de reservistas. Após a pressão popular, Putin decidiu reavaliar a decisão

AFP E PRESIDÊNCIA DA RÚSSIA/KREMLIN

ser o maior risco. O tema nuclear muda isso? Muito depende de como a comunidade internacional reage. Precisamos mostrar que quanto mais ele se aproximar de uma ameaça nuclear mais devastadora será a reação: militar, econômica e diplomática. Ele vai perder até a China.

Perder a opinião pública na Rússia não é o mesmo que em uma democracia. Não leva necessariamente a protestos, muito menos a ser derrotado em eleições inexistentes. Mas ser capaz de mostrar que pode controlar a opinião pública, por meio do medo e da propaganda, é um dos emblemas do czarismo. Putin perdeu o controle da situação militar. Perder o controle da propaganda mostrará que sob suas brilhantes botas há pés de barro. Agora marchem com eles. •

**É autor de* Nothing Is True and Everything Is Possible: Adventures in Modern Russia. *Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.*

Desejo sufocado

TheObserver Cinco anos depois da tentativa frustrada de independência, a Catalunha divide-se sobre o tema

POR STEPHEN BURGEN E SAM JONES

Apesar de ser um dos poucos dias nacionais que comemoram uma derrota calamitosa – neste caso, a queda de Barcelona durante a Guerra da Sucessão Espanhola em 1714 –, a Diada da Catalunha raramente é um assunto sombrio. A cada 11 de setembro, nos últimos dez anos, centenas de milhares de catalães pró-independência compareceram, muitas vezes em grupos familiares, com carrinhos de bebê e cachorros, para mostrar sua força e fazer um apelo pacífico pela separação do resto da Espanha.

A Diada deste ano foi, porém, diferente. Cinco anos depois que a corrida precipitada do governo regional em direção à independência resultou em um referendo ilegal, uma declaração unilateral de independência e a pior crise constitucional da Espanha em 40 anos, o movimento secessionista está num lugar diferente e mais ousado. A multidão de 1,5 milhão que tomou as ruas de Barcelona uma década atrás deu lugar a cerca de 150 mil, segundo a polícia local, embora os organizadores estimassem o comparecimento em 700 mil. As camisetas da Diada, geralmente nas cores vermelha e amarela da bandeira catalã, eram de um preto fúnebre, e um cartaz esplendoroso articulava os sentimentos de muitos catalães pró-independência em relação aos líderes regionais que não cumpriram suas promessas: *Botifler, no te votaré,* dizia: “Traidor, você não terá meu voto”.

Grande parte da raiva dos independentistas radicais volta-se para o presidente regional catalão, Pere Aragonès, por sua disposição de encontrar uma solução negociada para o impasse político. Aragonès esteve notavelmente ausente da marcha da Diada organizada pela Assembleia Nacional da Catalunha, poderoso e influente grupo de base que tem pressionado incansavelmente pela independência nos últimos anos. Montse Planas, que veio para a Diada da vila de Caldes de Montbui, a uma hora de carro ao norte da capital catalã, disse que se sentiu decepcionada com os políticos da Catalunha e de Madri. “Estamos seguindo com a luta”, disse. “Os políticos não estão, mas nós estamos. Não vale a pena negociar com Madri, temos de lutar contra isso nós mesmos, e o faremos.”

Passo em falso. A campanha separatista de 2017 foi reprimida com dureza pelo governo central. Puigdemont, governador à época, refugiou-se na Bélgica para evitar a prisão

Não houve queixas desse tipo em 1º de outubro de 2017, quando o então presidente da Catalunha, Carles Puigdemont, desafiou o governo e os tribunais da Espanha e organizou o referendo unilateral. O único inimigo naquela época era o Estado espanhol, encarnado pelo governo conser-

LLUIS GENE/AFP E RUBEN MORENO GARCÍA/GOVERNO DA CATALUNHA

vador do ex-primeiro-ministro Mariano Rajoy, que insistia que o referendo nunca aconteceria, e pelos milhares de policiais espanhóis, cujas tentativas violentas de impedir a votação acabaram nas primeiras páginas dos jornais de todo o mundo no dia seguinte. Para os independentistas de longa data e, na verdade, para muitos dos menos convencidos, a batida policial nas seções de votação, o espancamento de eleitores e o disparo de balas de borracha foram uma prova inequívoca da necessidade de se separar. Daí a alegria fugaz 26 dias depois, quando os parlamentares separatistas catalães votaram pela criação de uma república independente – fugaz porque levou o governo de Rajoy a demitir Puigdemont e seu gabinete, assumir o controle direto da Catalunha e ordenar uma nova eleição regional.

Para evitar a prisão, Puigdemont fugiu para a Bélgica, onde permanece até hoje, enquanto outras figuras pró-independência ficaram para enfrentar as consequências, que incluíram a prisão de nove delas. Embora Puigdemont e seus seguidores tenham se mostrado incapazes de entregar a nova república, conseguiram atrair a atenção do mundo e colocar o assunto no topo da agenda política da Espanha. Onde eles falharam de forma abrangente e consistente foi, no entanto, em ouvir a maioria dos catalães que se opõem à independência.

Atualmente, 52% da população é contra a separação da Espanha

Quando os deputados catalães pró-independência votaram para proclamar a separação em 27 de outubro de 2017, um legislador local de centro-direita virou-se para Puigdemont e perguntou: "Como você pode imaginar que pode impor uma independência assim, sem uma maioria a favor... e com este simulacro de referendo?" Cinco anos depois, a questão da validade ainda paira no ar do outono. No auge da crise em outubro de 2017, uma pesquisa

do Centro de Estudos de Opinião do governo catalão descobriu que 48,7% dos cidadãos apoiavam a independência, enquanto 43,6% não. De acordo com uma pesquisa realizada neste verão pelo mesmo centro, 52% dos catalães agora são contra a independência, enquanto 41% são a favor. Outros apontam que quase um quinto da população da região é composto por imigrantes que não podem votar nas eleições regionais ou gerais, enquanto em Barcelona os nascidos no exterior representam quase 25% da população.

Confrontos de personalidades e divisões cada vez maiores sobre o melhor caminho a seguir dividiram o governo catalão e os três partidos pró-independência da região: o partido Esquerda Republicana Catalã (ERC), de Aragonès, o partido de centro-direita Juntos pela Catalunha, de Puigdemont (Junts), e a Candidatura da Unidade Popular (CUP), de extrema-esquerda. Os três compartilham o objetivo comum da independência catalã, mas um pouco mais. Nas eleições regionais do ano passado, os partidos pró-independência conquistaram a maioria geral do voto popular pela primeira vez (51%), mas o partido que obteve a maior fatia da votação foi o braço catalão do sindicalista Partido Socialista Catalão, liderado pelo ex-ministro da Saúde espanhol Salvador Illa. Aragonès acabou por se tornar o presidente, mas apenas com o apoio relutante de seus parceiros de coalizão do Junts.

No grandioso ambiente medieval do Palau de Generalitat, sede do governo catalão, Aragonès defende a decisão do seu partido de dividir a mesa de negociações com o governo socialista do primeiro-ministro Pedro Sánchez, apesar das repetidas críticas dos outros dois partidos pró-independência. Sentado numa sala com lambris de madeira, ele escolhe suas palavras com cuidado. Ao contrário de Puigdemont e seu sucessor, Quim Torra, o presidente em exercício optou por suavizar a retórica. Mas sua abordagem mais pragmá-

Os defensores da independência não confiam nas negociações com Madri

tica foi prejudicada por revelações, relatadas pela primeira vez pelo *Guardian* e pelo *El País*, de que os líderes da independência catalã foram visados pelo *spyware* Pegasus do NSO Group. "Há uma parte do movimento de independência que não concorda com esse processo de negociação, mas acredito que seja necessário", disse. "Quando há conflito em uma democracia, você tem de negociar. Não há alternativa. Os catalães que se opõem a isso verão no futuro que esta é a melhor maneira de chegar a uma solução democrática."

Aragonès, reconhece que seus apoiadores estão desiludidos e, embora se oponha à sugestão do ex-presidente catalão

Na corda bamba. Os separatistas desconfiam das intenções de Aragonès

ALBERTO ESTÉVEZ/AFP

Artur Mas de que o movimento foi longe demais, rápido demais, ele aconselha paciência. "Temos de continuar a construir uma maioria diante de um Estado que não reconhece esse direito à autodeterminação, para atingir uma maioria acima de 51%." Embora tenha mais em comum com o PSC de esquerda em questões sociais e econômicas, o ERC tem consistentemente formado coalizões com partidos de centro-direita. "É impossível chegar a um acordo com o Partido Socialista Catalão, porque eles não aceitam o princípio do direito de decidir", acrescenta. "Atualmente, o Partido Socialista Catalão é o principal representante da elite financeira da Catalunha, que não quer que tenhamos soberania." Para o presidente regional, a política social continua indissociavelmente ligada à soberania. "Só podemos levar a cabo políticas sociais ambiciosas, como a distribuição mais equitativa da riqueza, igualdade de oportunidades e prestação de melhores serviços públicos, se tivermos capacidade legislativa e econômica para decidir."

Do outro lado da cidade, num escritório perto da cada vez maior e ainda em construção Basílica da Sagrada Família, está Jordi Turull, independentista profundamente comprometido, com senso de humor seco. O secretário-geral do Junts, legenda rotulada de "o partido de direita da independência da Catalunha" por seus parceiros de coalizão, tem poucas palavras calorosas para Aragonès ou suas políticas. Turull considera que o ERC renegou o acordo de que o movimento pró-independência como um todo, incluindo grupos pró-independência não eleitos como o ANC e o Òmnium Cultural, participaria das conversações em Madri, e não apenas os principais partidos políticos. "O Estado espanhol, seja um governo de direita ou de esquerda, tem de preparar o roteiro para uma declaração de independência." •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

ROBERT KUHN

A China e o Estado de Direito

▶ As ações do governo para fortalecer as liberdades civis e promover a imparcialidade no sistema de Justiça

Por que o pensamento sobre o Estado de Direito é uma parte central da filosofia política de Xi Jinping? Como diz o Partido Comunista, se o Estado de Direito prosperar, o país prosperará. Se declinar, o país mergulhará no caos. Diz-se que o ideário do secretário-geral do Partido Comunista forma um sistema completo de leis e regulamentos. Esse ideário está incorporado ao que é chamado de "Onze Sustentações" ou Onze Persistências".

Organizo essas ideias em uma estrutura sistemática de objetivos, princípios e estratégias.

Objetivo:
Governar de forma abrangente, de acordo com a lei, em uma abordagem centrada nos cidadãos.

Princípios:
Governar por lei, administrar por lei;

Pensamento sistemático: país, governo e sociedade, todos sob o Estado de Direito; Busca de direitos, oportunidades e regras iguais.

Estratégias:
Legislação coerente.

Aplicação rigorosa da lei;

Justiça imparcial;

Questões jurídicas tratadas de forma abrangente, em vez de questões independentes. Sistematicamente, em vez de dispersas, conectadas, em vez de isoladas;

Projetar o Código Civil enciclopédico da China para melhorar a equidade e a justiça social;

Respeitar e proteger os direitos humanos: econômicos, sociais, culturais, civis e políticos;

Nova legislação para abordar áreas-chave: segurança nacional, inovação científica e tecnológica, saúde pública, biossegurança, civilização ecológica etc.;

A lei deve ser cumprida por toda a população.

Jinping enfatiza: "O Estado de Direito abrangente é um projeto sistemático. Devemos planejar como um todo e prestar mais atenção à coordenação sistemática, integridade e sinergia". A China chama a sua abordagem centrada nas pessoas de diferença fundamental entre o Estado de Direito socialista com características chinesas e o Estado de Direito capitalista, uma visão, sem surpresa, que os especialistas jurídicos ocidentais contestariam.

O pensamento de Xi Jinping sobre o Estado de Direito é considerado um marco, pois, embora os sistemas de leis tenham existido ao longo da longa história das forças dominantes da China, eles sempre estiveram sujeitos à intervenção das elites. Isso permitiu às autoridades locais influenciar as decisões judiciais para seu ganho pessoal ou propósitos nefastos. Iniciativas no passado procuraram fortalecer as leis da China, mas, desta vez, sob o comando de Jinping, parece diferente. Basta assistir ao desfile de funcionários desonrados a serem desmascarados, envergonhados, detidos e presos. Mais sistemicamente, a reforma judicial estabeleceu a supremacia da lei sobre os órgãos administrativos. Para mim, uma das reformas menos notadas no avanço do Estado de Direito foi a transferência da administração do sistema judiciário do partido local para o nível provincial, maneira de evitar que os funcionários municipais e distritais interferissem nos procedimentos legais.

Os desafios permanecem. De acordo com especialistas chineses, há lacunas no sistema, o poder judicial não é suficientemente sistematizado, a supervisão legal não é rigorosa o bastante, a proteção legal não é forte como deveria e falta profissionalismo à formação dos funcionários do Judiciário. Além disso, para o Estado de Direito se consolidar, é preciso reprimir as práticas corruptas e erradicar o gangsterismo.

Há também um quebra-cabeça. Diz-se que o fortalecimento do Estado de Direito não enfraquece o governo do partido. Como isso se dá? No passado, muitos funcionários locais simplesmente ignoravam a lei, como se não estar sujeito à lei fosse um privilégio de seus cargos. Alguns aceitaram subornos para subverter a aplicação da lei e os processos judiciais para ganho pessoal. Alguns eram apenas ignorantes. Xi Jinping deixou claro, no entanto, que todos os funcionários do partido devem cumprir a lei. Além disso, não há prescrição para os crimes de juízes corruptos. Mesmo após a aposentadoria, eles podem ser processados.

Enquanto as percepções estrangeiras assumem que o socialismo chinês liderado pelo partido substitui o Estado de Direito, o pensamento de Xi Jinping afirma que sua aplicação é o que sustenta e desenvolve o socialismo com características chinesas.

Cinco conceitos resumem as aspirações do secretário-geral sobre o assunto: os cidadãos em primeiro lugar, abrangência, sistematização, justiça e igualdade. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

“A música se sente na pele”

ENTREVISTA Thierry Fischer, regente titular da Osesp, diz que, se pudesse escolher, não apresentaria mais concertos digitais

POR ANA PAULA SOUSA

Escolhido, em 2019, como o novo diretor musical e regente titular da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), o suíço Thierry Fischer tinha uma intensa agenda de viagens para São Paulo em 2020. Mas, logo depois do concerto de abertura da temporada daquele ano, realizado em março, na Sala São Paulo, veio o *lockdown*. Fischer voltou várias vezes desde então, mas é só agora que uma temporada como aquela prevista para 2020 parece de novo possível.

Na semana passada, o maestro chegou à cidade, depois de uma semana de férias em Minas Gerais, para reger três concertos e participar da divulgação da Temporada de 2023, intitulada *Sem Fronteiras*. Após dois anos de apresentações mais curtas, para evitar a aglomeração no intervalo, e de temporadas readequadas às limitações sanitárias, que dificultaram, em certo período, a presença de músicos estrangeiros, por exemplo, a Osesp volta ambiciosa.

Se, em 2020, muito se falou sobre o quanto as transmissões digitais democratizavam o acesso e até sobre a possibilidade de concertos enxutos atraírem um novo público, passados os impedimentos, as supostas vantagens desses formatos foram esmaecendo. “A música é para ser dividida com outras pessoas numa mesma sala”, diz Fischer, em entrevista concedida na quinta-feira 22, logo após o ensaio geral, aberto para o público, do concerto que incluía Strauss e Shostakovitch.

Longe da imagem estereotipada do maestro intempestivo e autoritário, Fischer tem uma presença suave no palco. Mesmo quando pede para os músicos voltarem para um trecho da partitura, se apressa em dizer: “Sem problemas, sem problemas”.

Quando algo não soa exatamente como esperava, ou ele cantarola – pá-pá, tá-rá-rá-rá – ou descreve o som, que pode lembrar um pequeno pássaro ou o farfalhar dos pés sobre o gramado. Enquanto rege, às vezes são os dois joelhos que dobram simetricamente em busca de certo resultado; às vezes, são pequeninos saltos, que fazem o ritmo acelerar; às vezes, ainda, é a mão esquerda mexendo-se energicamente em direção aos violinos. E, de repente, aquela linha da partitura se faz mais vivaz.

> “A arte pode influenciar nas pessoas que somos”, afirma o maestro suíço

Ao fim do ensaio aberto, em vez de ir para o camarim, o regente ficou no *hall* da Sala São Paulo, rodeado por crianças de uma escola. Depois de tirar muitas fotos com elas, conversou com *CartaCapital*.

CartaCapital: O senhor estava rodeado por crianças. O senhor gosta desse contato?

Thierry Fisher: Elas são o futuro. Temos que dar o nosso tempo para elas. Ganhei minha semana vendo essas crianças aqui. É claro que é uma forma de dizer, ainda tenho três concertos para reger (*risos*).

CC: O que há de eterno na música clássica? Por que, mesmo na era das músicas do TikTok, ela consegue deter a atenção

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 56
Livro. O pastor Henrique Vieira prega uma visão não reacionária da Bíblia

Fischer estreou em 2020 e ficou meses sem poder retornar

das crianças como deteve no ensaio?
TF: Por que as crianças gostam de dinossauros? Porque é algo gigante, talvez. Não tenho uma resposta para esta pergunta. O que eu sei é que tudo começa na educação e que a arte pode influenciar nas pessoas que seremos, nos adultos que eles serão.

CC: Conversamos no primeiro semestre de 2021, quando o senhor estava em sua casa, na Suíça, prestes a retomar os concertos, e houve então outra onda de fechamentos. O que fica, de frustração e de aprendizado, desse período?
TF: Não tenho frustrações. No meio daquilo tudo, seguimos podendo tocar música, ainda que de outra maneira. Me senti triste, sim, mas não frustrado. Nem poderia, né? Com pessoas passando fome no mundo, eu me sentir frustrado por não conseguir reger ao vivo? O que eu acho, sobretudo, é que, depois da pandemia, é como se estivéssemos refundando algumas manifestações artísticas. Sinto que o sentimento de se ouvir música coletivamente ficou mais forte, mais poderoso. A arte é também sobre nos sentirmos frágeis e sobre tentarmos criar beleza.

CC: A pandemia transformou o consumo de determinadas formas de arte e entretenimento. No caso do cinema, por exemplo, houve uma migração de parte do público para o *streaming*. Os concertos digitais vieram para ficar?
TF: Se você me perguntar se quero reger concertos digitais, digo não, não quero. Não acredito nessa ideia de colocarmos uma orquestra dentro de uma tela, de uma caixa. A música é para ser dividida com outras pessoas numa mesma sala. A música é sentida por meio da vibração do corpo também. Mas, se você me perguntar se continuarei a fazer, minha resposta é: claro que sim. A música digital significa, para mim, informação. A música na sala de concerto é uma experiência.

CC: Na pandemia, o senhor regeu de máscara e até mesmo com a orquestra reduzida, por causa das regras de distanciamento. Teve também de fazer concertos, para transmissão *online*, com a plateia vazia. É possível reger da mesma forma, sem o público, ou algo se altera?
TF: Naquele momento, eu achava que sim, que era possível. Hoje, percebo que não. Nós fazemos o que fazemos para as pessoas, e só sentimos a presença do público na sala de concerto. A presença e a música se sentem na nossa pele.

CC: A programação de 2023 inclui o Ciclo Rachmaninov, que celebra os 150 anos do compositor, com nove obras dele. Quais são os sentidos de se apresentar um romântico russo em 2022?
TF: Acho que o planeta precisa, neste momento, de algumas formas de conforto. As obras de Rachmaninov trazem esse conforto. Uma orquestra não é um museu, que tem algumas peças que estão sempre ali, à disposição do público. Então precisamos ter a sensibilidade de tentar oferecer ao público aquilo que supomos ter sentido em cada momento. E é claro que, no caso de Rachmaninov, temos também a efeméride.

CC: E por que Sibelius, também programado para a temporada de 2023?
TF: Sibelius é um compositor obscuro. A forma como ele escreve não é nada óbvia. É, ao contrário, misteriosa, e o que eu quero é desvendar esse mistério com os músicos da orquestra. Quando um trabalho assim dá certo, é como uma flor se abrindo. Eu falei em conforto, mas, na arte, o conforto pode ser obtido também por meio do confronto, no sentido de ser algo não esperado ou que nos impõe desafios, nos inspira. •

LAURA MANFREDIN

A religião não pertence à direita

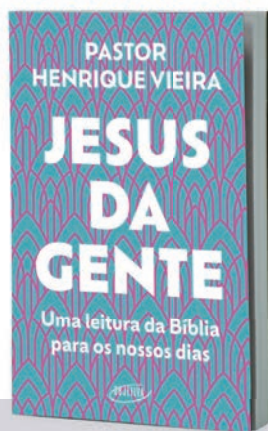
LIVRO Em *Jesus da Gente*, o pastor Henrique Vieira se propõe a interpretar a Bíblia sob a ótica dos oprimidos

POR ALYSSON OLIVEIRA

Este mês, a rotina do pastor Henrique Vieira, candidato a deputado federal pelo PSOL do Rio de Janeiro, tem incluído não apenas a campanha – intensa, como todas as campanhas –, mas também os compromissos ligados ao lançamento de seu terceiro livro. *Jesus da Gente – Uma Leitura da Bíblia Para Nossos Dias* expõe a teologia desse homem nascido próximo à Favela Ipiranga, em Niterói, que vem desconstruindo o clichê do pastor evangélico conservador, de extrema-direita, engravatado e branco.

Admirador declarado de Lula e Marcelo Freixo, Vieira tem no Instagram – onde acumula mais de 550 mil seguidores – vídeos de apoio feitos por figuras como o Padre Júlio Lancellotti, Gregório Duvivier e Bruno Gagliasso. Negro, vestiu-se de Jesus no desfile da Mangueira em 2020 e, sentado sobre um jumentinho, atravessou a Sapucaí. "É um samba-enredo que fala de fé, algo fundamental na minha vida", diz. "E trazia uma imagem muito diferente de um Cristo com arma na mão."

Seu pensamento teológico, social e político vai na mão oposta da ideia de um Jesus usado para o oprimir e punir. Seu desejo é retomar a narrativa de Jesus como alguém do povo, politizado, e interpretar a Bíblia "pela perspectiva dos oprimidos". Escritor, ator, poeta e ex-vereador, Vieira conquistou um público que vai além de sua comunidade na Igreja Batista do Caminho. No cinema, interpretou, em *Marighella* (2021), um frei dominicano pertencente a um grupo de religiosos que enfrentou a ditadura militar. Também já gravou com Emicida.

Jesus da Gente – Uma Leitura da Bíblia Para Nossos Dias transita entre a teologia, a sociologia e algo que pode ser definido como uma análise literária da Bíblia. Sua linguagem, em tom coloquial, é bastante acessível.

JESUS DA GENTE – UMA LEITURA DA BÍBLIA PARA NOSSOS DIAS

Pastor Henrique Vieira.
Objetiva (128 págs., 49,90 reais)

"Despolitizar Cristo é uma estratégia milenar para transformar a religião em algo ligado ao poder e ao privilégio", explica. "Na época de Jesus, não havia separação entre ele e a política. Sua fé era política, de acordo com seu tempo histórico. Não se trata de ideologizar Jesus, mas de lembrar que ele está próximo da luta dos excluídos."

O pastor busca inspiração e base teórica em diferentes correntes da teologia: a da libertação, a negra (que traz a perspectiva dos oprimidos), a feminista e a ecológica (centrada nas relações entre religião e natureza). No livro, autores como o teólogo negro norte-americano James Cone e os brasileiros Ronilso Pacheco, Odja Barros, Leonardo Boff (autor do prefácio) aparecem ao lado dos pensadores Karl Marx e Ludwig Feuerbach, e do poeta amazonense Thiago de Mello. *Jesus da Gente* é, assim como o pastor, uma profusão de referências e citações.

Outra ideia constante tanto no livro quanto em sua fala é a da historização de Jesus e da fé. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF), ele leu muitos pensadores marxistas e diz, provavelmente pensando naqueles que enxergam o campo evangélico como um bloco único, que sua formação, embora peculiar, está longe de ser exclusiva entre os evangélicos.

A difusão de um campo religioso progressista é, inclusive, uma das principais bandeiras de sua candidatura. Ele deseja apresentar um contraponto democrático ao evangelismo conservador, que chegou ao poder e institucionalizou-se nos últimos anos. "Esse fundamentalismo que avançou dentro da política institucional

THAIS ALVARENGA

Andar com fé. Ativo nas redes sociais, o evangélico participou do filme *Marighella*, gravou com Emicida e é candidato a deputado federal pelo PSOL do Rio

precisa de uma resposta", diz. "Imagine a potência de se ter um pastor evangélico negro, batendo de frente com essas pessoas, no berço do bolsonarismo."

No livro, ele explicita esse posicionamento: "O fundamentalismo como forma de vivenciar a religiosidade sufoca a possibilidade do convívio, da abertura ao outro, da disponibilidade à diferença, da celebração do encontro".

Filho de um alfaiate e de uma professora de escola pública, Vieira cresceu morando com a família na casa da avó, num condomínio popular chamado Sete de Setembro e, ainda na adolescência, começou a pregar. "Culto das senhoras da igreja, às 6 horas da manhã de um sábado, é o Henrique que prega", recorda, rindo. Hoje, aos 35 anos, é casado e pai de uma menina.

Apesar de ter hoje outros canais de comunicação, ele diz que a pregação formal, no púlpito, segue sendo importante. "Me sinto realizado", diz, antes de reiterar que esta não é, de forma alguma, a única forma de levar a palavra de Deus. "Tenho as palavras e as palavras me têm", emenda, com sua fala envolvente.

Para o pastor Henrique Vieira, a escrita, a arte e o discurso são ferramentas fundamentais para que se recupere a imagem de Jesus negro e defensor dos oprimidos. Mas ele acredita que, neste momento, o enfretamento contra essa ideia de um Jesus opressor pode dar-se de forma ainda mais contundente por meio da política institucional.

"A política pode ser um espaço de testemunho, de serviço com o povo e compromisso com os pobres. Minha ação política expressa minha fé. As coisas se complementam", afirma. "Meus atos políticos estão ao lado de quem sofre. Fé não pode ser um projeto de poder para dominar o Estado."

E será que, com a agenda tão cheia de compromissos, o Pastor ainda encontra tempo para ler a Bíblia diariamente? "O Evangelho é minha respiração. Ele e a oração são partes importantes da minha vida, e os faço todos os dias", responde, com a conversa se aproximando do fim. "Mas o Evangelho é muito mais que isso. 'Pregue o Evangelho o tempo inteiro e, quando necessário, use palavras'", conclui, citando, sorridente, São Francisco de Assis. •

Síndrome de vira-lata

The Observer Em busca de prestígio, alguns criadores continuam a definir as séries de tevê como filmes de oito horas

POR CHARLE BRAMESCO

Há uma curiosa mutação que se espalha pela indústria do entretenimento neste momento: ela altera a forma e adultera o tempo. As séries de tevê, ao que parece, continuam se transformando em filmes.

Embora, provavelmente, não sejam o paciente zero dessa onda, os produtores de *Game of Thrones* (HBO Max) são, sem dúvida, seus superdisseminadores. Em 2017, eles causaram polêmica ao descrever sua série como "um filme de 73 horas".

Não demorou para que a paisagem da tevê estivesse repleta de séries reclassificadas como filmes de duração variável, mas uniformemente vasta.

A expressão foi reaproveitada com frequência suficiente para alcançar, entre os críticos de televisão, a posição de "calamidade de toda a existência". O fenômeno inspirou até mesmo um artigo na seção *Shouts and Murmurs* (*Gritos e Sussurros*) da revista *New Yorker*. Pois, sem jamais ter terminado, o explosivo debate sobre a diferença entre cinema e televisão está de novo quente.

Miles Millar e Alfred Gough, cocriadores do novo reinício da *Família Addams*, na série *Wednesday*, a estrear na Netflix, proferiram as palavras mágicas em uma entrevista à *Vanity Fair* na semana passada. "A ambição do programa é ser um filme de Tim Burton de oito horas", disseram.

Burton está a bordo do novo projeto como produtor-executivo e diretor de quatro dos oito episódios. Miles Millar e Alfred Gough tiraram o pó da velha frase em um período no qual as críticas a esse modelo têm sido crescentes.

Recentemente, Eric Kripke, criador da série *The Boys* (Amazon Prime Video) lançou um desafio sobre o assunto. Ao falar sobre os diretores de tevê que afirmam ter concebido suas séries como uma espécie de filme, ele disparou: "Fodam-se! Não, vocês estão errados! Façam um programa de tevê. Vocês estão no negócio do entretenimento".

Na nova minissérie de Olivier Assayas, *Irma Vep* (HBO Max), que reinventa a sua sátira original do *show biz*, de 1996, o diretor do programa dentro do programa evoca o adágio do "filme de oito horas" em uma entrevista, como se quisesse zombar do caráter inevitável da frase.

> A partir dos hábitos criados pelo *boom* do *streaming*, muitos têm deixado de lado a estrutura episódica

Ao falar comigo em Cannes, no início deste ano, Assayas confirmou não comungar dessa mentalidade. A frase, segundo ele, espelha os vestígios de caricatura que marcam o resto da série.

Entender a causa de todo o alarido originário de uma figura de linguagem aparentemente banal requer uma consciência das conotações e dos preconceitos tacitamente codificados na virada tevê-para-filme.

Quando os produtores de tevê comparam seu trabalho a um filme, eles estão fazendo um convite a uma série de associações estabelecidas pelos elogios a clássicos dos anos 2000, como *Os Sopranos* ou *A Escuta,* que tiveram suas qualidades "cinematográficas". Falava-se então em escala ambiciosa, narrativa de longa duração e sofisticação técnica com a câmera.

Quando os roteiristas faziam essa comparação, ela era recebida como um *insight*. Mas, vinda da boca de diretores, ela soa mais como controle de imagem e como a tentativa de garantir que a série em questão é suficientemente bem realizada para ser comparada aos grandes da tela de prata.

Trata-se, no fundo, de uma forma de classificar preventivamente o produto e de distanciar a tevê de uma insignificância percebida como inseparável da personalidade do meio. E assim se começa a ver a condescendência nessa linha de pensamento que aliena qualquer pessoa investida de respeito e valorização pela tevê.

Mesmo que a frase "filme de *xis* horas" não tivesse sido usada como desculpa para se arrastar episódio por episódio com flagrante desrespeito à sutil arte do ritmo, ainda seria fundamentalmente imprecisa. Usar uma temporada inteira para contar uma história abrangente dividida em segmentos não é encaixar o cinema nos moldes da tevê, mas a própria definição de tevê.

Os escritores que endossam es-

AMAZON PRIME VIDEO E NETFLIX

sa filosofia manca não rejeitaram a serialização. Apenas resolveram ser ruins nisso. Todo grande programa de tevê encontrou uma maneira de contar histórias contidas no espaço de um episódio que, no entanto, se aglutina em uma estrutura narrativa maior.

Como o *streaming* nos permite eliminar o tempo entre os episódios, muitos tomaram essa possibilidade como permissão implícita para abandonar os blocos de construção dessa arte.

O quase *meme* do "filme de *xis* horas" trai uma ideia confusa sobre dignidade e validade criativa, já que diretores com complexo de inferioridade imaginam que serão levados mais a sério se apostarem no formato originalmente cinematográfico.

Narrativas. O criador de *The Boys* (*acima*), da Amazon, se irrita com as declarações de colegas e diz: "Vocês estão errados! Façam um programa de tevê." Já os responsáveis por *Wednesday (abaixo)*, a estrear na Netflix, desejam fazer "um filme de Tim Burton"

Não deixemos de observar que os gerentes de franquia do Universo Cinematográfico Marvel hesitam em anunciar seu produto como um programa de tevê, mesmo quando forçam a narrativa em série e drenam a grandiosidade polida do cinema.

Tudo isso equivale a uma espécie de profecia autorrealizável: a tevê não ganhará estatura até que aqueles que dela fazem parte tenham orgulho de seu formato. Todos os profissionais fariam bem em abraçar as qualidades únicas de seu campo de atuação como vantagens a serem trabalhadas em vez de enxergá-las como limitações a serem superadas.

Até que o façam, há uma maneira simples de expor o absurdo de a tevê se envolver em roupagem de filme: da próxima vez que você ouvir alguém inflar o ar de prestígio de um programa dessa maneira, imagine o filme mais embaraçoso, amador e desprezível que você já viu.

Deixe seu exemplo ser uma lição: as palavras têm significados, a forma não pode ser sinônimo de qualidade e existem coisas muito piores que a tevê. •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Rastros escritos da história

EXPOSIÇÃO Pedaços de papel assinados por Michelangelo, Napoleão Bonaparte, Albert Einstein e Angela Davis podem ser vistos pelo público em São Paulo

POR AMANDA QUEIRÓS

Um desenho com as medidas de um bloco de mármore pode ser algo trivial, assim como rabiscos feitos durante uma reunião tediosa, um cartão-postal enviado durante uma viagem ao Brasil ou uma foto assinada. A perspectiva muda, no entanto, quando os responsáveis por esses pedaços de papel são nomes como Michelangelo, Napoleão Bonaparte, Albert Einstein e Angela Davis.

Esses e outros 176 documentos, marcados com a caligrafia de personalidades das artes, da política, da ciência e do entretenimento, estão agora ao alcance dos olhos na exposição *A Magia do Manuscrito – Coleção de Pedro Corrêa do Lago*, que foi aberta na quarta-feira 28 e fica em cartaz no Sesc Avenida Paulista, em São Paulo.

Trata-se de um recorte pequeno – mas significativo – das mais de 30 mil peças que vêm sendo garimpadas há cerca de 50 anos pelo editor, bibliófilo e colecionador Pedro Corrêa do Lago. Entre cartas, formulários, rascunhos, partituras e inventários, o público tem a oportunidade de passear pelas frestas da história construída por notáveis tão distintos quanto os destacados na capa do disco *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club*, dos Beatles – eles mesmos também presentes na exposição por meio de uma foto autografada por seus quatro integrantes.

"Penso que o manuscrito é a relação mais direta que se pode ter com alguém que morreu antes de você nascer. Às vezes é algo que a pessoa fez em alguns segundos, às vezes em horas, às vezes é algo que resolveu algum dilema difícil da vida dela. Isso me emociona muito", afirma Lago.

Ele refere-se a itens como os primeiros parágrafos do clássico da literatura *Em Busca do Tempo Perdido*, escritos à mão pelo francês Marcel Proust (1871-1922), ou o conto *A Biblioteca de Babel*, redigido pelo argentino Jorge Luis Borges (1899-1986), uma de suas aquisições mais valiosas em exibição. Entre rasuras, trechos riscados e outros incluídos, é possível tatear o que se passava na mente do artista e entender um pouco mais do vaivém de seu processo criativo.

Há cinco décadas, o colecionador Pedro Corrêa do Lago garimpa, mundo afora, manuscritos

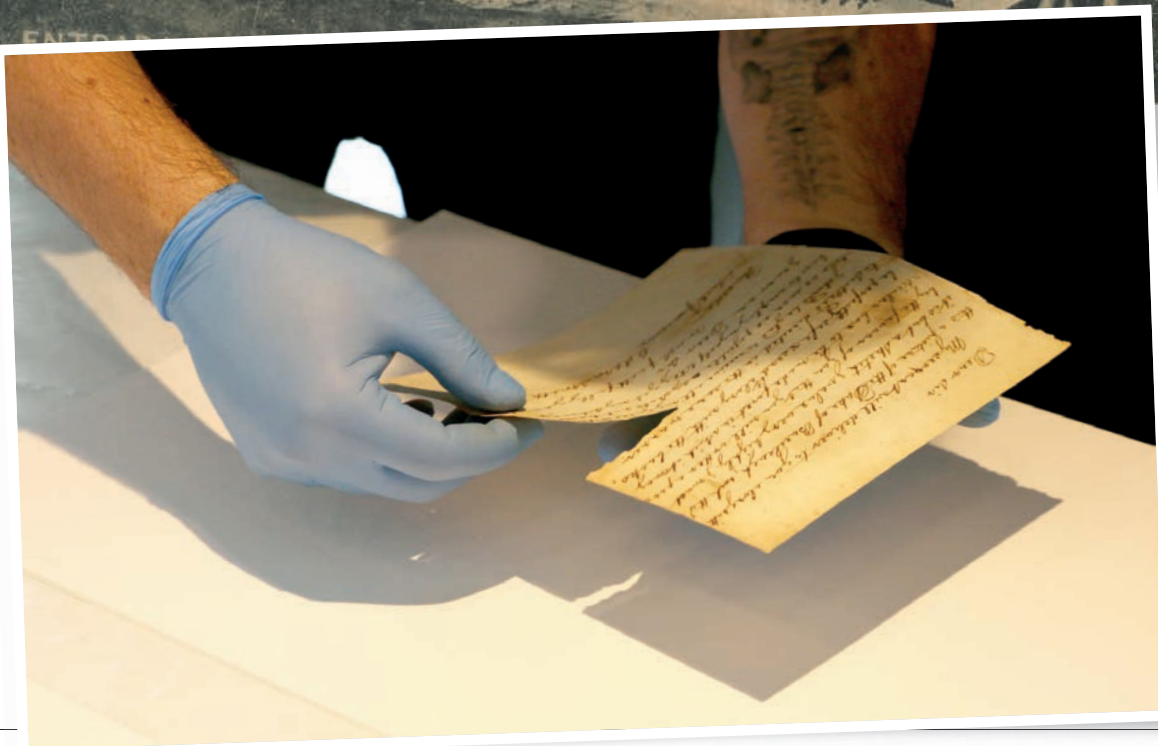
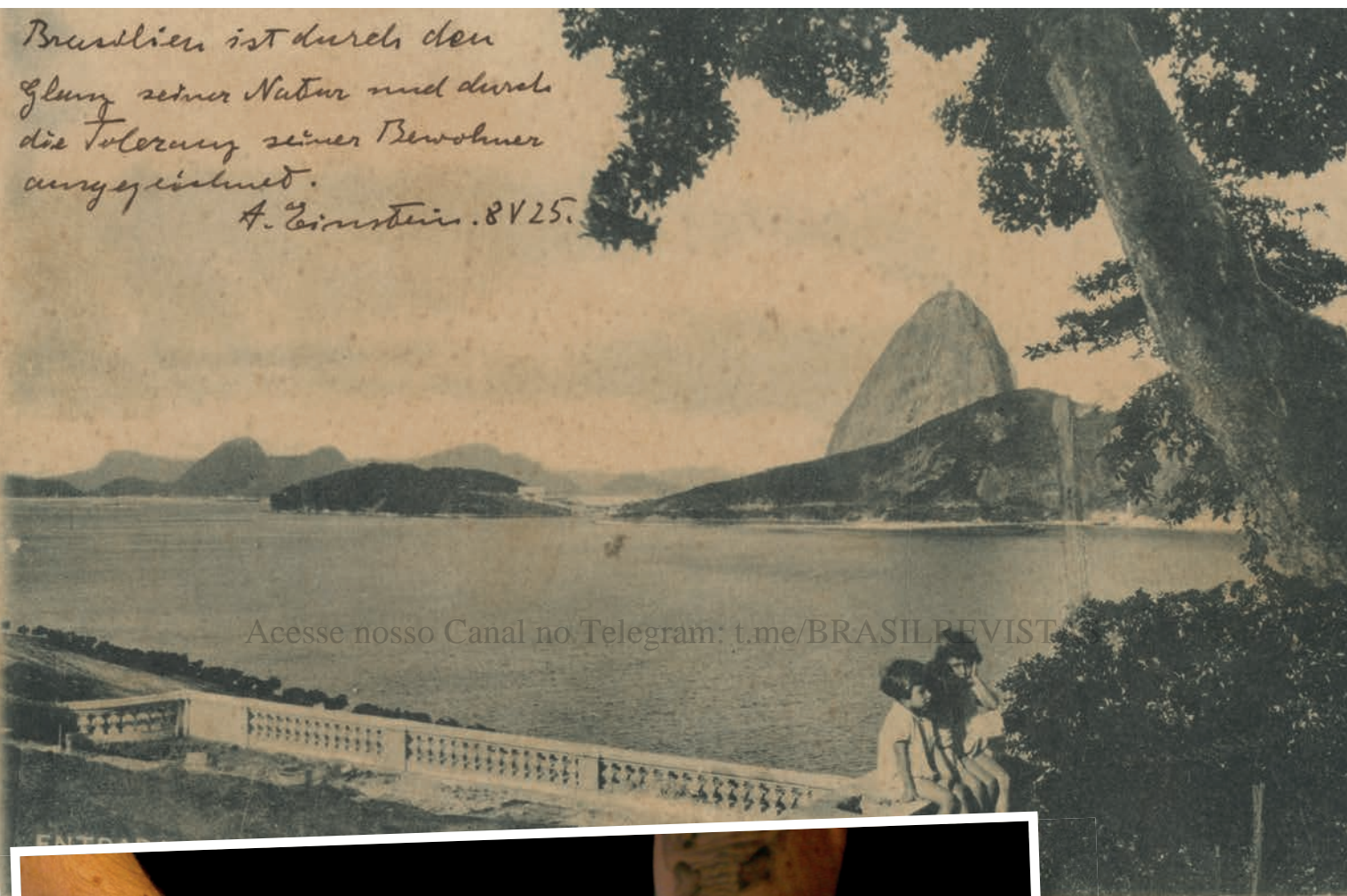
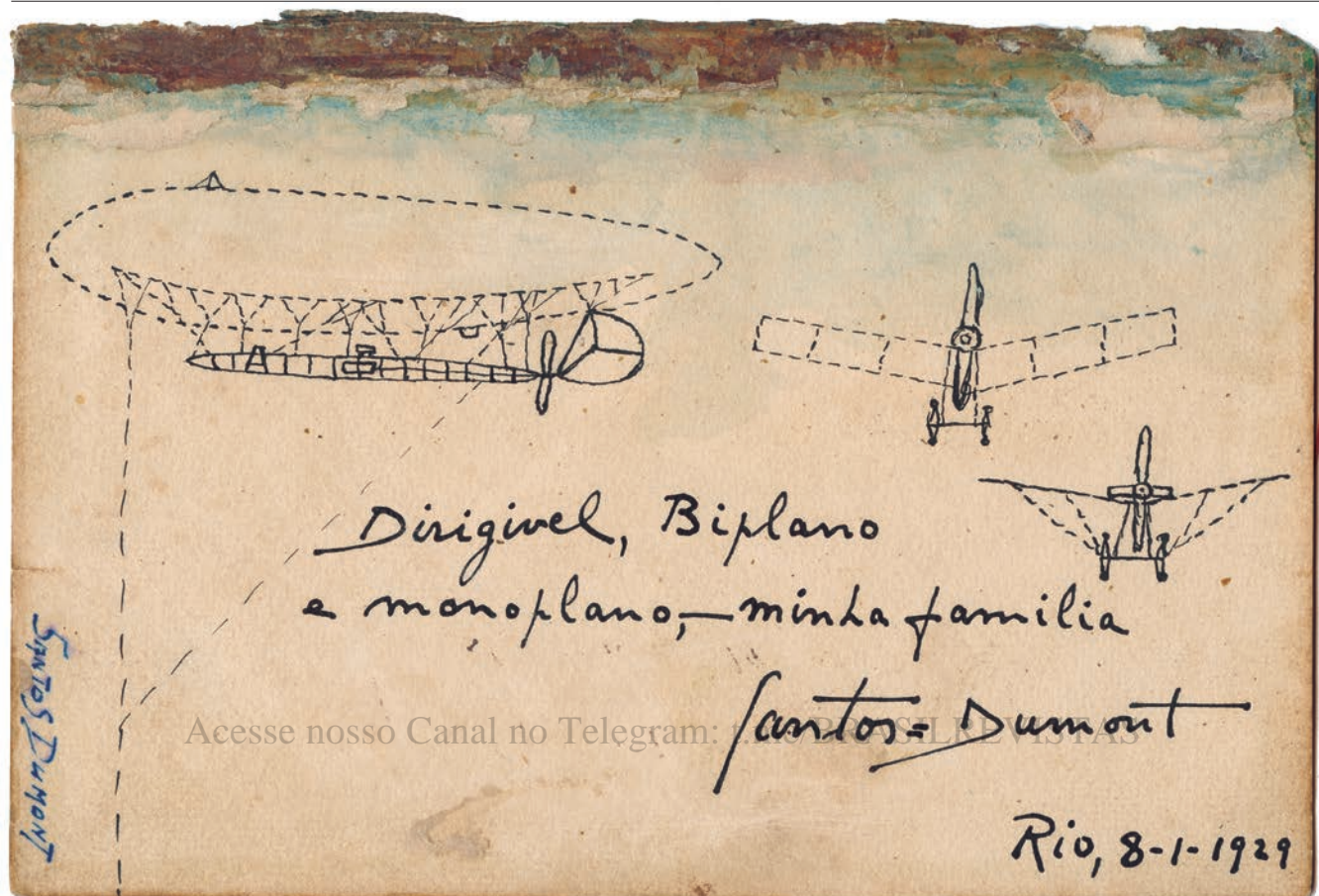
De caráter enciclopédico, o acervo guarda itens de grande relevância histórica, como um ingresso da final da Copa do Mundo de 1958 autografado pelos jogadores da Seleção Brasileira vencedora do primeiro Mundial de futebol do País, desenhos das criações aéreas de Alberto Santos-Dumont (1873-1932) ou uma carta na qual Gandhi (1869-1948) antecipa sua morte dez meses antes de ser assassinado.

Outros documentos encantam por seu teor demasiadamente humano, como uma cobrança de pagamento por uma sessão de análise por Sigmund Freud (1856-1939), uma carta de amor do escritor Fernando Pessoa (1888-1935) dedicada a Ophelia Queiroz e outra carta na qual o então futuro rei George VI (1895-1952), do Reino Unido, busca um cavalo para presentear a filha mais velha, que viria a se tornar a rainha Elizabeth II (1926-2022).

A coleção foi iniciada quando Pedro ainda era adolescente. Filho de diplomata, então morando na Europa, ele passou a escrever para personalidades destacadas no *Who's Who*, espécie de almanaque com informações sobre celebridades, incluindo seus endereços. O primeiro a responder foi o cineasta francês François Truffaut (1932-1984), mas o acervo só começou a tomar corpo anos depois, especialmente quando ele trabalhou para a casa de leilões Sotheby's.

Cada nova peça incorporada é parte de um gigantesco quebra-cabeça que vai sendo recombinado à medida que antigos itens são passados adiante e outros são agregados, produzindo sentidos inéditos a diferentes contextos. Com curiosidade, observação e referências, surge o prazer da descoberta.

Lago lembra, por exemplo, de quando percebeu ter a posse de uma carta na qual

COLEÇÃO DE PEDRO CORRÊA DO LAGO

Acervo. Acima, um cartão postal escrito por Einstein em sua passagem pelo Brasil. À esq., um dos montadores da exposição recupera um dos mais de 170 itens pertencentes à coleção privada

o pintor Vincent van Gogh (1853-1890) faz uma lista dos elementos do quarto onde permaneceu em Arles, no Sul da França, e que ganharia fama por meio de suas pinturas. "Foi um detalhe que escapou a vários colecionadores sucessivos", diz, revelando detalhes de um ofício alimentado por doses iguais de investigação e obsessão.

"Uma simples assinatura em um pedaço de papel não traz informação alguma. O que determina a importância de um manuscrito é o conteúdo. Antes do *e-mail*, essas pessoas mandavam milhões de bilhetes, e com eles você consegue reconstituir épocas e reviver um pouco aqueles ambientes", completa o colecionador, que já escreveu diversos livros para sua Editora Capivara estabelecendo pontes entre vários desses documentos.

A exposição foi apresentada pela primeira vez, em 2018, na Morgan Library & Museum, nos EUA, e recebeu 85 mil visitantes. Para a versão brasileira, algumas peças deram lugar a outras, abrindo espaço para uma maior representatividade de figuras brasileiras, como a compositora Chiquinha Gonzaga (1847-1935), o abolicionista José do Patrocínio (1853-1905), o escritor Guimarães Rosa (1908-1967) e o ator Grande Otelo (1915-1993).

O manuscrito mais antigo data de quase 900 anos atrás. Firmado em 1153, ele contém a assinatura dos papas Anastácio IV, Celestino III, Alexandre III, Lúcio III e de São Guarino da Palestrina. Já o mais recente foi feito por Caetano Veloso especialmente para a exposição.

O documento mais antigo da mostra data do ano de 1153 e contém a assinatura de cinco papas

As efemérides de 2022 também influenciaram as escolhas. Para remeter ao centenário da Semana de Arte Moderna, por exemplo, foram incorporados elementos de Candido Portinari (1903-1962), Tarsila do Amaral (1886-1973) e Mario de Andrade (1893-1945), entre outros. Já o bicentenário da Independência recebe um aceno em cartas de José Bonifácio (1763-1838), D. João VI (1767-1826) e D. Pedro I (1798-1834) – esta endereçada à sua amante, a Marquesa de Santos, assinada com o apelido de "Demonão".

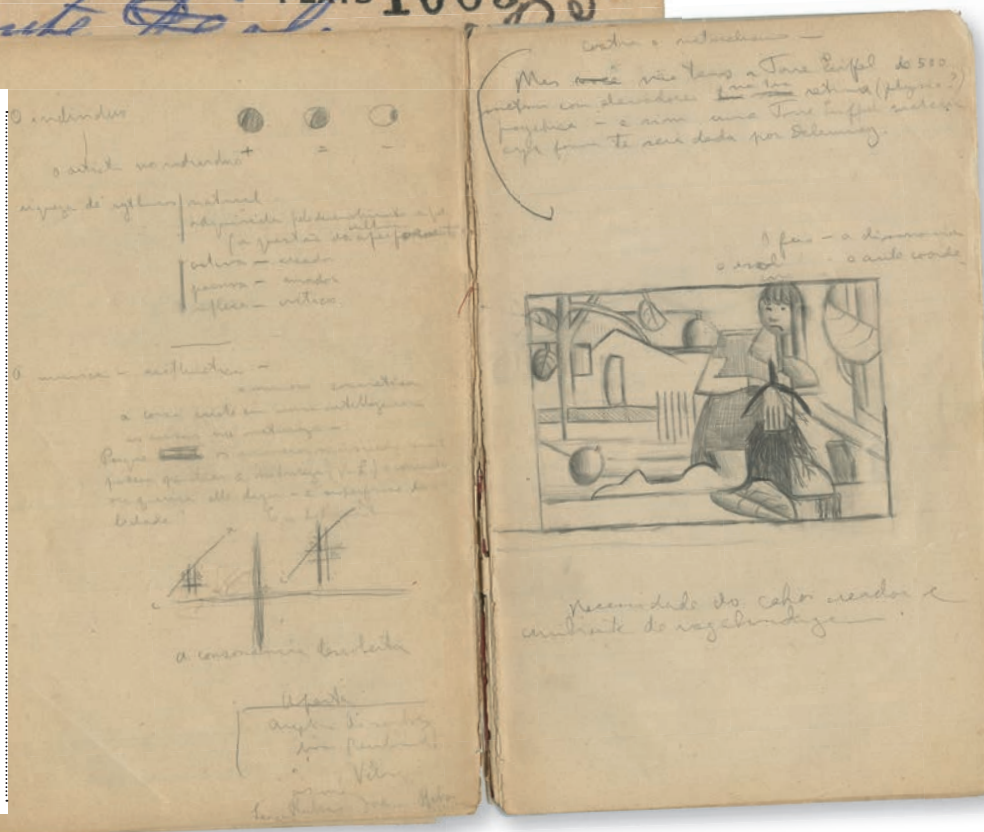
Guardados em pesados arquivos à prova de fogo e água na casa do colecionador, no Rio de Janeiro, os manuscritos chegam ao público em uma cenografia criada por Daniela Thomas e Felipe Tassara. Nela, tanto a peça quanto sua contex-

Garimpo. Modelos de Santos Dummont; um ingresso da final da Copa de 1958 autografado pelos jogadores; e um caderno com frases e desenhos de Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade

COLEÇÃO DE PEDRO CORRÊA DO LAGO

tualização são postas em evidência.

A predominância do papel como suporte contrasta com o DNA *high tech* do Sesc Avenida Paulista. De acordo com Juliana Braga, gerente de artes visuais e tecnologia do Sesc São Paulo, esta é uma fricção saudável: "Podemos brincar com as pessoas e falar sobre mídias diferentes e os vários tipos de escrita, desde a mão até o WhatsApp".

Para ela, os itens reunidos não apenas refletem a sociedade através do tempo, mas também convidam cada um a se entender como parte de uma mesma história. "A gente aposta muito que os visitantes possam fazer pontes com seus próprios arquivos pessoais, percebendo quanto de nossas histórias individuais se encontra com as histórias coletivas", diz. "No fundo, cada um contribui para o tecido social, faz parte do mesmo contexto, vive os mesmos dilemas e as mesmas belezas da vida." •

Entre a fantasia e o real, o horror

CRÍTICA A ESCRITORA ADELINE DIEUDONNÉ CONSTRÓI, A PARTIR DO OLHAR INFANTIL E DE UMA ATMOSFERA OPRESSORA, UMA TRAMA INESPERADA SOBRE OS RECÔNDITOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

"Na nossa casa tinha quatro quartos. O meu, o do meu irmão caçula Gilles, o do meus pais e o dos cadáveres." É com essa frase que a menina narradora nos atira ao ambiente no qual se passa a inesperada trama familiar de *A Vida Real*. Os cadáveres eram os animais empalhados caçados por seu pai – entre eles, uma hiena que ela apostava estar viva e cujo riso era até capaz de ouvir. "A morte morava na nossa casa."

O primeiro romance de Adeline Dieudonné, que vive em Bruxelas, foi lançado em 2018 e venceu, naquele ano, vários prêmios literários voltados a livros em língua francesa. Publicado em outros 20 idiomas, ganhou há pouco tempo tradução para o português. O impacto dessa estreia deve-se, muito provavelmente, à atmosfera opressora criada a partir do olhar infantil, no qual real e fantástico, medo e sonho se entrelaçam de maneira original.

No centro da história estão a pequena heroína protagonista, seu irmão, Gilles, de 6 anos, sua mãe, resignada e muda, e seu pai, um caçador contumaz e um homem, dentro de casa, violento. Quando a narrativa começa, a menina tem 10 anos. Quando termina, ela tem 15.

E foi aos 10 anos que ela viveu o episódio traumático que será o *leitmotiv* do livro: seu irmão pede ao sorveteiro que acrescente *chantilly* ao sorvete de baunilha e morango e, nesse momento, o sifão explode na cabeça do homem, matando-o. A partir dessa cena, o laço entre os dois irmãos vai se esgarçar. "Eu me perguntava que garoto ele seria se o acidente do sorveteiro não tivesse acontecido", diz, a certa altura, a narradora.

A descrição do menino traz algo do livro *Precisamos Falar Sobre Kevin*, de Lionel Shriver. Já as cenas assustadoras, como uma passada na floresta escura com o pai caçador, parecem ter como inspiração distante o universo de Stephen King.

Embora Adeline Dieudonné possa ser criticada por ter criado um pai ao qual faltam nuances dramáticas e uma mãe excessivamente vazia, a opção por uma escrita que flerta com o irreal dilui essa possível fragilidade de sua construção ficcional.

A VIDA REAL

Adeline Dieudonné. Tradução: Letícia Mei. Editora Nós (209 págs., 63 reais)

A autora belga ganhou vários prêmios com seu romance de estreia

JEAN-FRANÇOIS ROBERT

Aquele homem, afinal de contas, é o monstro que a menina vê – a vida doméstica é terrível para ela, e torna-se, assim, terrível para nós. Ela deseja, por exemplo, ser Marie Curi e saber tudo sobre ciência, para poder viajar no tempo e fazer com que seu irmão volte a ser o que era antes do acidente do sorvete.

Entre a fantasia, o terror e a vida real – ou a vida "verdadeira" –, Adeline nos conduz a um lugar exageradamente cruel ou, talvez melhor seria dizer, cruelmente verdadeiro. •

– Por Ana Paula Sousa

Eleições e Copa

▶ Antes de curtir o Mundial de Futebol, precisamos derrotar a barbárie nas urnas e garantir que o resultado seja respeitado

Chegou a hora, não tem mais para onde correr. A bola dividida é entre civilização e barbárie. Fico pensando como chegamos a esse ponto de humilhação, sem esquecer a sucessão de golpes a que os brasileiros foram submetidos ao longo de sua história. Parece que, de tempos em tempos, os donos do poder afrouxam as rédeas para aliviar as tensões sociais. Mas logo depois puxam o freio novamente, impondo um novo suplício ao povo.

Há poucos dias, atravessamos mais um 7 de Setembro, no qual celebramos o bicentenário da Independência em relação à coroa portuguesa. Permanecemos, porém, submetidos ao império inglês e, depois, ao poder do capital, que ganha feições escravagistas no modelo neoliberal.

Estas eleições nos atingem num momento de crise mundial, com a guerra da Ucrânia a expor as fissuras entre o Ocidente e o Oriente. Estamos como o marisco, entre a rocha e a maré. Em princípio, essa rivalidade nos coloca em situação especial de barganha. Talvez seja uma oportunidade para conquistar uma independência de fato, liderada por um brasileiro autêntico com raro talento de negociador político. Se é que é possível vencer nesse campo sem apelar para a violência.

A eleição do grupo de partidos liderado por Lula interessa à imensa maioria da população, exceto aos ultradireitistas guiados por um sentimento de repulsa cega a qualquer avanço na agenda de direitos humanos e a qualquer iniciativa que redistribua riqueza no País. Depois de quase quatro séculos de escravidão, de exploração colonial e Império, de República sacudida por golpes, querem retroceder ainda mais?

Diante desse dilema, retornamos às urnas na expectativa de encontrar o caminho da prosperidade, um lugar de destaque que nosso país merece desempenhar por suas dimensões territoriais, riquezas naturais e conformação social. O Brasil tem muito a contribuir para o mundo, sobretudo em relação à convivência pacífica com diferentes povos.

Voltando à nossa humilde condição e botando a bola no chão, estamos às portas da Copa do Mundo. A seleção brasileira jogou os dois últimos amistosos, deixando no ar grande euforia diante dos "passeios" nas seleções de Gana e Tunísia, dois adversários bem escolhidos pelas dificuldades que sempre encontramos contra o estilo africano e pelo fato de não pertencerem ao grupo das favoritas do Mundial. Ninguém precisa passar por um constrangimento às vésperas da competição.

Foram duas apresentações animadoras pela facilidade do resultado alcançado e pela desenvoltura do time nas alternativas ensaiadas. Agora, é dar de cara com o "monstro" daqui a pouco mais de um mês. Na primeira partida, fiquei decepcionado com a atuação do Antony e do Raphinha, principalmente deste último, um tanto dispersivo, sem objetividade. Logo eu, que sempre defendi a importância dos pontas autênticos.

E não é que os jogadores que dependiam desses amistosos para confirmar ou não sua participação na Copa desencantaram no segundo jogo contra a Tunísia? Raphinha fez um golaço meio "espírita" num lançamento inusitado do Casemiro de longa distância e teve boa atuação. O Pedro fez o seu em arremate espetacular e pôde fazer a comemoração que nos faltou lembrar na semana anterior, sua característica "reverência".

No quesito das manifestações dos torcedores depois da badalada crítica à "dancinha" do Vini Jr., foi a vez de mais uma provocação com o desgastado lançamento de uma banana aos pés do Richarlison, que acabara de assinalar mais um tento na goleada elástica de 5x1 sobre a Tunísia.

Dentre as tantas decisões que se acumulam neste período pré-Copa, os destaques foram a confirmação do acesso à serie B do Mirassol, Botafogo-SP, ABC-RN e Vitória da Bahia. Na série A, os técnicos portugueses têm sido mantidos, mas, quando acabarem seus contratos com clubes brasileiros, certamente vão ter que tirar um ano sabático, tamanha a pressão a que são submetidos em terras "d'Além mar".

P.S.: Sensacional a realização do Festival Paralímpico com 15 mil participantes em 98 cidades brasileiras. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

PESQUISA!
Na sua opinião, o que é inaceitável numa democracia ideal:
a) charlatanismo
b) prevaricação
c) crime contra a human
d) escritório do crime
URNA ELETRÔNICA, PORRA!